

**ESTEFAN KABBACH**

**A ESCOLHA PROFISSIONAL NOS PRIMEIROS ANOS  
DE ENSINO SUPERIOR:**

**EMBATE DE ASPIRAÇÕES E FRUSTRAÇÕES**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS – UNISANTOS**

**SANTOS – SP**

**2004**

**ESTEFAN KABBACH**

**A ESCOLHA PROFISSIONAL NOS PRIMEIROS ANOS  
DE ENSINO SUPERIOR:**

**EMBATE DE ASPIRAÇÕES E FRUSTRAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado, da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Formação e Educação Humana: aspectos éticos, políticos e epistêmicos

Orientador: Professor Dr. Jefferson Ildefonso da Silva

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS – UNISANTOS**

**SANTOS – SP**

**2004**

**K11e Kabbach, Estefan**

A Escolha Profissional nos primeiros anos de Ensino Superior. Embate de Aspirações e Frustrações – Santos: Estefan Kabbach Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Santos, Programa de Mestrado em Educação, Santos, 2004.

Inclui Bibliografia

1-Aspirações e Frustrações – Teses

**CDU 37.048.4**

**Índice para o Catálogo Sistemático (CDU)**

1 – Aspirações e Frustrações – Tese 37.048.4

Dissertação defendida e aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2004,  
pela Banca Examinadora:

---

**Profa. Dra. Bader Burihan Sawaia**

---

**Profa. Dra. Maria Aparecida Franco Pereira**

---

**Prof. Dr. Jefferson Ildfonso da Silva**  
**Orientador**

## **DEDICATÓRIA**

Sou profundamente grato:

Ao Professor Doutor Jefferson Ildfonso da Silva pelo inestimável apoio, dedicação e pela orientação segura, competente e crítica no encaminhamento e na elaboração e produção desta Dissertação.

Aos colegas de curso, pelo apoio e incentivo.

A um sem número de amigos e de pessoas que colaboraram, de uma forma ou de outra, mas sempre, inestimavelmente.

*In memoriam*, Ao Prof. Dr. Pe. Waldemar Valle Martins, meu orientador espiritual.

À minha esposa Mirtes e meus filhos Dannielle, André, Denise, Tales, Dinira e Estefan Michel, pela compreensão e estímulo.

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade Católica de Santos pelo auxílio da bolsa de estudos que facilitou o meu envolvimento nas atividades do Programa e na elaboração desta Dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação pela dedicação e apoio, nos quais encontrei compreensão, estímulo e cooperação.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar as variáveis sócio-econômicas e didático-pedagógicas, a participação da família na escola, aspirações e frustrações dos alunos dos primeiros anos do Ensino Superior. O estudo visa interpretar o fenômeno aspirações, através de dados empíricos buscando informações tanto sobre as características sócio-econômicas, como as de escolaridade do aluno; na introdução esclarece-se que nem todos os alunos terminam os cursos. Diversos fatores concorrem para tal fato, sendo, porém, a frustração um dos principais. Adotou-se, assim, um procedimento bibliográfico de natureza de coleta de dados, de modo a focar, não só as aspirações, como também as frustrações. A pesquisa realizou-se na Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), a partir do mês de abril de 2003 junto aos alunos dos primeiros anos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Direito, Filosofia e Pedagogia, não só pela demanda destes cursos, como também pela centralização das áreas de exatas e humanas. Organizamos referenciais teóricos que contemplam tanto o estudo do professor-aluno em sala de aula, quanto o modo pelo qual o professor conduz o processo com vistas à construção dos saberes pelo aluno. Sob o ângulo qualitativo, pesquisou-se junto aos professores, os fatores técnico-pedagógicos e educacionais que podem interferir positiva ou negativamente sobre suas aspirações; percepção que os professores têm sobre o seu papel na formação profissional do aluno; orientação do professor para conduzir o aluno na construção dos conhecimentos científicos. Os professores investigados são profissionais que se constroem nas relações interpessoais com seus alunos, atribuindo igual importância às qualidades pessoais e morais, bem como ao domínio da fundamentação teórica-prática da disciplina de que necessitam. Empiricamente, o estudo constata uma relativa prevalência dos fatores técnico-pedagógicos sobre as frustrações em relação aos fatores sócio-econômicos. Em função dos fatores identificados, são apresentadas ao final, sugestões de natureza teórica e prática.

Unitermos: Formação e Educação humanas, aspectos éticos, políticos e epistêmicos.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO .....</b>	<b>24</b>
• Sociedade Mundial .....	24
• Participação Democrática .....	25
• Interesse Econômico e Educação .....	28
• Desenvolvimento Humano .....	29
• Os Pilares da Educação .....	31
• As Missões do Ensino Superior .....	35
• Educação e Futuro .....	38
• Exigências Atuais da Educação .....	40
<b>CAPÍTULO II - PERFIL DOS ALUNOS .....</b>	<b>43</b>
• Faixa Etária .....	43
• Distribuição de Percentagem de Alunos e Faixas Etárias .....	45
• Formação Educacional Básica .....	46
• Trabalho e Família .....	50
• Convívio Social e Cultural .....	53
<b>CAPÍTULO III - MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS ACADÊMICAS .....</b>	<b>56</b>
• Motivos Para a Escolha do Curso .....	56
• Orientação Vocacional .....	60
• Mercado de Trabalho .....	64
• Distribuição de Percentagem das Aspirações Pessoais para a Escolha do Curso .	67
• Expectativas em Relação ao Curso .....	68
• Expectativas em Relação às Disciplinas do Curso .....	69
• Distribuição de Percentagem das Expectativas em Relação às Disciplinas do Curso	71
• Grau de Satisfação com o Curso .....	72
• Atitudes dos Professores Perante a Classe .....	73
• Os Professores Transmitem Ideais? .....	75

• Questionário Aplicado aos Professores (Anexo II) .....	77
<b>CAPÍTULO IV - EXPECTATIVAS SOCIAIS E ECONÔMICAS .....</b>	<b>82</b>
• Percepção do Futuro no Contexto da Sociedade .....	82
• Opções do Mercado de Trabalho .....	84
• Distribuição de Percentagem das Opções do Mercado de Trabalho .....	88
• Investimento Financeiro Necessário para Exercer a Profissão .....	90
<b>CONCLUSÃO E SUGESTÕES .....</b>	<b>92</b>
• Fatores Sócio-econômicos .....	102
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

### Considerações Prévias sobre a Educação

Ensinando e educando é o que todos os grupos e classes, compreendidos pelo organismo social, fazem para assimilar as gerações novas ao processo geral de construção da existência humana.

A educação é uma atividade relacional e consciente: tem seu ponto de partida numa pessoa e se dirige a outra em formação. Não merecem a denominação de educar a assimilação mecânica e inconsciente como mera adaptação, ou o processo que se satisfaz em dirigir a atividade juvenil por meio de regulamentos ou medidas, sem se indagar se os efeitos dessas medidas penetram profundamente na vida espiritual do indivíduo e de que maneira conseguem nela um efeito total. A educação é obra complexa, que não se realiza só pelo exemplo e não se limita unicamente ao ato de lançar a semente, sem se preocupar com a germinação da mesma.

Isso, entretanto, não significa que a educação possa prescindir das influências produzidas pelo contato espontâneo entre os homens e que lhes servem de fundo para a sua atividade. As medidas planejadas permaneceriam em estado de estagnação, se não encontrassem seu apoio e seqüência no conjunto total das influências produzidas pela decorrência da vida comum e a ela não viessem beneficiar como fator progressista. A assimilação educacional espontânea das gerações representa um fator poderoso com o qual a educação organizada deve contar, podendo ser comparada a uma força elementar que, bem dirigida, poderá ajudá-la a concretizar a obra da razão, e descuidada, aniquilar o que foi criado com tanto trabalho e dedicação.

A educação acompanha o desenvolvimento da geração nova, com o olhar dirigido para o futuro. Igual ao duplo semblante de Jano, dirige o olhar também para o passado, para a cadeia de gerações, juntando-lhe mais um elo com os bens culturais herdados que ela procura conservar e transmitir. Assim cumpre um duplo dever: um dever de compromisso para com a geração nova, e um dever social para com os grupos da coletividade, detentores da civilização. Isto quer dizer que entrega a mocidade a esses

grupos, para que não venham a faltar à sociedade os cidadãos; ao empenho coletivo, as forças ativas; à Nação, os filhos.

A influência da educação sobre a sociedade, segundo Saviani (1980), depende de como essa educação se posiciona frente aos valores sociais, isto é, ela pode ou não valorizar a cultura, sendo conservadora ou crítica. Da mesma forma que a educação influencia a sociedade, a sociedade influencia a educação pela instituição de seus elementos estruturais e pela formação do processo da cultura e da prática social ao gerar os conhecimentos e os valores das suas ideologias.

Do conceito individual da educação, é inseparável o social; a autoridade dos pais reflete a do poder público; na disciplina educacional reflete-se a ordenação social; no ensinamento familiar, o nível de cultura social em geral. Desse conjunto intelectual com que opera o ensino e que imprime linhas diretrizes à educação, provém o patrimônio cultural da sociedade e por isso a educação é considerada uma função pública e, portanto, a serviço da coletividade.

No processo renovador da vida da sociedade, ocupa a educação um lugar intermediário. Procriação e criação representam ações primordiais. A integração do indivíduo novo ao grupo social e a conseqüente aquisição de habilidades e conhecimentos, pressupõem os objetivos do processo da educação.

Essa tem um caráter geral, dentro de uma esfera básica elementar, e não deve ser confundida com preparo para a vida, para a profissão, e não na profissão. Ressalte-se, contudo, que a formação profissional inclui elementos pedagógicos, mas esta marca pedagógica distingue-se bastante da tendência em capacitar apenas tecnicamente para determinadas habilidades.

No processo da educação, é o indivíduo o objeto da dedicação previdente. Ela se mantém nas condições gerais e elementares da formação da vida: proporciona condições de realizar a “construção da personalidade moral” (PUIG, 1998) e “trabalhar no âmbito do desenvolvimento moral” (DIAZ -AGUADO e MEDRANO, 1999) da mocidade, como uma das condições essenciais de todas as atividades sociais dentro do conceito vigente, sancionado pelas leis e principalmente pela Constituição.

Assim, a tendência formativa da educação envolve o processo global do desenvolvimento em sociedade e vai além da esfera dos conhecimentos e das habilidades tomados como exigências específicas da formação profissional. Nessa perspectiva, são

integrados e superados os conceitos de educação e formação profissional, assim como os de formação humana e instrução.

Reunindo o conjunto das características apresentadas, pode-se dizer que o sistema formas educacional de um país é o complexo das instituições, empreendimentos e meios que se destinam a possibilitar ao indivíduo a aquisição de certas aptidões, pontos de vistas gerais, e conhecimentos básicos que constituem elementos fecundos da vida humana que lhe permitem a sua construção técnica, intelectual e moral. A instrução será orientada no sentido de desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais, promovendo a compreensão, a tolerância e a amizade entre as nações e os grupos raciais ou religiosos.

A orientação do sistema de ensino no Brasil necessita tomar o sentido de formação democrática, numa afirmativa de vigor de independência e de autonomia da vida, da cultura, da consciência e da personalidade. Melo (1973, p. 3) expõe que uma escola será democrática se sua competência técnica estiver marcada pelas necessidades populares, centrando a produção dos conhecimentos nas exigências das camadas mais necessitadas da sociedade. Neste sentido, a escola desempenha, no contexto social, seu papel político de atuar nas relações de poder e na produção da cultura do povo, preparando-o para o trabalho e para a vida.

Pensando na qualificação da educação e nos pré-requisitos básicos da população, os educadores lutaram para que, na Constituinte de 1988, fosse definido que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (Art. 205); ficasse garantido “o ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria” (Art. 208, item I) e ainda que se estabelecesse que “o acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público e subjetivo” (Art. 208, § 1º). Com isso, a educação escolar tornou-se um direito de todos os cidadãos brasileiros, sem distinção de sexo, raça, idade, confissão religiosa, filiação política ou classe social, ao mesmo tempo em que é dever do Estado o provimento em todo o território nacional de tal educação.

O ensino para a formação profissional nos cursos de graduação, apesar de não ter tido o destaque que seria necessário na Constituição, tem se desenvolvido mediante um processo, cujas disciplinas específicas trabalham, de modo articulado, tanto aspectos teórico-acadêmicos quanto conteúdos de dimensão prático-profissional, sendo o objetivo

dessa atividade prática a natureza, a sociedade ou os concretos. (VAZQUEZ, 1977, p. 194). Isso pressupõe que o aluno do Ensino Superior, além da aprendizagem dos conteúdos essenciais, desenvolva tanto um repertório de atitudes e habilidades condizentes com o seu papel de cidadão e com o exercício profissional qualificado, quanto valores humanitários que o guiem.

### **Especificação do Tema da Dissertação**

As pesquisas de avaliação institucional, realizadas recentemente por diversas Universidades, desencadearam, de alguma forma, a discussão interna sobre a implementação de um processo de autocritica de como as Universidades vêm cumprindo seus diversos papéis na sociedade. Tal processo poderá iniciar também um debate sobre a formação que nossos alunos devem receber para se tornarem profissionais engajados com as questões que dizem respeito à comunidade humana. Assim, tomando como ponto de partida a experiência cotidiana no exercício do magistério, constata-se que no Ensino Superior existe um índice de insatisfação muito grande entre os alunos dos primeiros anos do curso que parece contribuir para a significativa evasão escolar que se constata nesses anos. A origem dessa insatisfação parece provir de diferentes fatores e circunstâncias.

Procurando as origens de tal insatisfação, alguns afirmam que a situação atual do mercado de trabalho pode afetar os alunos diante das primeiras dificuldades da vida acadêmica. Eles se sentem desiludidos diante do futuro de sua profissão, pois o mercado do trabalho a cada dia absorve um menor número de trabalhadores. Para que aumentar essa sensação, são tomados por informações de que as chances de emprego parecem ser as mesmas para todos, tenham ou não cursado o Ensino Superior.

Mudando o ângulo de observação, outros ressaltam a necessidade de os alunos adquirirem os meios econômicos de subsistência: a exigência de estudar e simultaneamente trabalhar vai criando tantas dificuldades que os alunos não conseguem levar a termo as duas atividades. Os compromissos do trabalho parecem que não se coadunam com as responsabilidades acadêmicas do curso universitário.

Outro aspecto parece significativo para as análises do presente trabalho, apesar de não ser seu objeto específico: muitos alunos, mesmo tendo logrado êxito no Curso

Superior, se desiludem da profissão escolhida. Talvez o conhecimento de dessa situação possa dirigir o questionamento da escolha profissional que, não tendo sido bem conduzida no início do curso, tenha se tornado geradora de desilusões e insatisfações nas atividades acadêmicas.

Esse trabalho de dissertação pretende ser um instrumento para definir e esclarecer algumas dessas razões e ajudar a compreensão das aspirações dos alunos do 1º ano dos cursos de graduação, podendo também contribuir para sustentar propostas de superação desse problema.

O estudante, quando termina o curso médio, tem aspirações profissionais que, muitas vezes não se concretizam por diversos motivos. Em princípio, entendemos que, dentre as inúmeras aspirações, as que mais se destacam seriam:

- independência financeira;
- independência familiar;
- carreira e/ou emprego estabilizado;
- status social;
- profissão como expressão de cidadania.

Ao escolher uma profissão, muitas vezes os estudantes não têm o suporte de uma orientação profissional, por falta de condições financeiras, por desinteresse, por desconhecimento, ou ainda porque a escolha é feita por imposição familiar.

O momento da escolha profissional é um momento de crise, que envolve não só o sujeito, mas implica também o grupo de que faz parte. Pode-se dizer que a crise é um momento onde muitas mudanças se processam num curto espaço temporal, no qual, muitas vezes, o estudante escolhe não porque já se sente pronto para fazê-lo, mas porque os prazos do vestibular o pressionam.

Sabe-se que, na passagem do Ensino Médio para o Superior, o aluno está na fase mais crítica de sua formação, tanto no que diz respeito às suas formas de inserção na vida social e profissional como no que se refere à sua identidade pessoal face ao mundo que o cerca. Além disso, nota-se que tais alunos têm uma visão do mundo completamente diferente daquela que encontra no interior de uma faculdade. Muitas vezes estão despreparados, quer profissionalmente, quer didaticamente e quer psicologicamente. Sobre

esse assunto, pode-se adiantar, provisoriamente, alguns pontos hipotéticos para orientar a investigação:

1. O aluno escolhe, às vezes, uma profissão por influência de algum professor que transmite a matéria com muita propriedade e saber, encantando o aluno.
2. Verifica-se que, ou por falta de condições financeiras ou por desconhecimento, o aluno não procura orientação profissional.
3. Não aparecem de modo significativo a preocupação e a reflexão do professor sobre essa situação do aluno e sobre a sua atuação no caso. O modo de entender a aprendizagem do aluno pelos professores é fundamental para o conhecimento e a assimilação por parte do aluno. Muitas vezes, verifica-se que professores, levados pelo entusiasmo, são prolixos, não se preocupando com a capacidade dos alunos. Isso faz com que o aluno desista do curso, talvez porque não se entusiasme com o assunto desenvolvido, ou porque não entenda seu sentido e importância.
4. A pressão da família sobre o filho para cursar uma profissão que não é desejada por ele atua muitas vezes de forma negativa na sua escolha.
5. O aluno, ao ingressar na Universidade, descobre que o curso escolhido não tem campo de trabalho, desistindo da Faculdade, ou procurando um curso profissionalizante.

Constata-se ainda a ausência de uma política de intervenção em relação aos jovens que terminam o Ensino Médio, tanto em sua escolha do curso, quanto no período que vai da entrada no Ensino Superior até a inserção na vida profissional. É necessário, portanto, assegurar que as instituições do Ensino Superior atentem para essa situação e organizem uma atuação correspondente ao compromisso que tem em relação à comunidade.

O objetivo desse estudo é compreender melhor e aprofundar o problema da consistência da escolha profissional dos iniciantes do Ensino Superior, pela verificação de como os alunos dos primeiros anos do Ensino Superior concebem suas necessidades, seus anseios, seus ideais e aspirações e percebem o seu futuro profissional.

Para alcançar esse objetivo, procurar-se-á:

- levantar os fatores que interferem na escolha profissional dos alunos que ingressam na Universidade;

- desenvolver estudos que analisem a relação aluno-professor na sala de aula e o comportamento do professor com vistas ao conhecimento e papel das profissões;
- identificar as variáveis sócio-econômicas e didático-pedagógicas que interferem na configuração dessa situação.

O resultado final esperado é conhecer o grau de influência da escolha profissional na consolidação das aspirações dos alunos e os caminhos para superar os fatores geradores de frustrações. Em médio prazo, espera-se que os resultados da investigação auxiliem a desenvolver programas de apoio aos estudantes do curso médio pela implementação de estratégias educacionais que possam ajudá-los na escolha da profissão.

### **Referencial Teórico**

O apoio pedagógico da orientação profissional pode ser compreendido como uma ajuda na definição de caminhos. Ele pode funcionar como um espaço para a expressão de conflitos ligados à escolha profissional, desvendando significados inconscientes, compartilhando com o orientando a natureza dessa experiência, modulando assim a sua ansiedade.

A família teve sempre um importante papel nessa orientação profissional do filho, por sua função socializadora. Bohoslavsky (1977, p. 15) diz que “o grupo familiar constitui o grupo de participação e de referência, e é por isso que os valores desse grupo constituem bases significativas na orientação do adolescente, quer a família atue como grupo positivo de referência, quer como grupo negativo de referência.”

A orientação profissional, ao focalizar a vida ocupacional de um indivíduo, estará se inserindo no universo de representações do orientando e de seu grupo familiar, sobre o mundo do trabalho e, dentro disso, também sobre o sentido da vida, da morte e do homem. Assim, não é possível recortar uma visão sobre o orientando de forma descontextualizada e faz-se necessário compreender suas ansiedades em referência ao grupo social constituído pela família, amigos, escola.

Uma vez que as ansiedades predominantes vividas pelo orientando são parte de um processo em família, toda escolha profissional alicerçada em cima de conflitos ocasionará

problemas de percurso, mobilizando ansiedades em todo o grupo familiar. Os pais ficarão ansiosos ao reviver, através do filho, seus próprios dilemas vividos no mesmo momento evolutivo.

A orientação profissional precisa constituir-se como espaço para se pensar a relação do jovem com a família e com as expectativas dos parentes. Precisa também assumir um caráter preventivo, ficando atenta ao condicionamento psíquico do orientando que possa estar dificultando o caminho de uma definição profissional. Um indivíduo, quando procura escolher uma profissão, está às voltas com as visões e as pressões da família. Esta “cultura” do grupo familiar estará ativa tanto concretamente, quanto de modo internalizado pelo sujeito. Em alguns momentos, a escolha profissional, influenciada pelos dilemas familiares, poderá até se transformar em síndrome de grupo – expressão de ansiedades e conflitos compartilhados.

O processo de adolecer possui componentes genéticos e biológicos, conhecimentos e valores constituídos das experiências de vida, além de uma estrutura psico-emocional e potencial para o questionamento e a criação. As marcas sociais desse processo fundam-se na história familiar e de socialização, nas relações de igualdade/desigualdade vividas em torno das categorias de gênero, classes sociais e etnia, na partilha de preceitos de moralidade e hierarquizações, entre outros tantos elementos que dão contorno à subjetividade humana. A família precisa ser apreendida em sua historicidade e permanente transformação, envolvendo finalidades, estruturas, conformações e significados diversos, bem como compromissos mútuos, interações, desempenho de papéis, transmissão de cultura, hábitos, valores e modos de vida. O contexto familiar é fundamental na definição das experiências de crescimento, desenvolvimento e construção de identidade do adolescente e deve ser visualizado como processo dinâmico em que histórias de vida e projetos individuais interagem e se confrontam num complexo de relações, de afetos, de poder e resistência, de conflitos e dominação, de cooperação e harmonia, entre outras.

Até recentemente, o modelo de família brasileira correspondia ao modelo patriarcal caracterizado pela consangüinidade e hierarquização de valores, a hierarquia entre os membros da família e a idéia de posse dos pais em relação aos filhos dependentes. Constituem-se aspectos que ainda caracterizam o modelo de família contemporânea brasileira o estabelecimento de normas e regras mais ou menos rígidas, inclusive tendo a dependência como fator importante na fertilidade desse terreno; transmitem-se valores, conceitos, costumes, padrões e cultura. Todavia, a Constituição Federal de 1988

representou um avanço no que diz respeito ao conceito de família, considerando a união estável entre o homem e a mulher, bem como a convivência do grupo formado por um dos pais e seus descendentes, como entidades familiares. (Art. 226, § 3º e 4º)

As famílias contemporâneas guardam muitas nuances do que se pode caracterizar como modelo burguês de família: patriarcal, autoritário, monogâmico, primando pela privacidade, a domesticidade e os conflitos entre sexo, idade e educação.

Bock (1993, p. 11) comenta o pensamento do psicanalista Jacques Lacan ao explicar a importância da família entre todos os grupos humanos:

A família desempenha um papel primordial na transmissão de cultura. Se as tradições espirituais, a manutenção dos ritos e dos costumes, a conservação das técnicas do patriotismo são com ela disputadas por outros grupos sociais, a família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua acertadamente materna. Com isso, ela preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico. (BOCK, 1993, p. 11)

A família, como toda a instituição social, apresenta aspectos positivos, enquanto núcleo afetivo, de apoio à solidariedade. Mas apresenta, ao lado destes, aspectos negativos, como a imposição de normas e finalidades rígidas. Torna-se, muitas vezes, elemento de coação social e geradora de conflitos.

Ao se tornarem adolescentes, os jovens sentem a necessidade de serem independentes de seus pais: procuram assumir suas identidades próprias, vontades e projetos que os representam, mesmo que para isso tenham que contrariá-los. O fato de contrariarem os pais faz parte do processo de construção de sua própria identidade. Sem precisar radicalizar nesse particular, a busca de identidade não significa que o adolescente tenha que romper com a família. Entretanto, o fato de ter sua própria personalidade é muito importante para que o adolescente, no término do Ensino Médio, tenha a certeza do que quer cursar no Ensino Superior, sem manipulação da família.

A atitude de carinho, aceitação, diálogo e coerência nos princípios disciplinares, com projeção e progressiva independência, contribui para que o adolescente sinta-se amado, cuidado e protegido pela família. Com isso, seu desenvolvimento evitará entraves emocionais e sua identidade se estruturará, a partir de uma visão otimista e realista de si mesmo.

A presença e a influência da família são reforçadas pelo acompanhamento da escola e o apoio de profissionais como ajuda muito importante para que o aluno tome decisões mais acertadas acerca de sua futura profissão. A figura do professor é marcante nas diversas

etapas do desenvolvimento do aluno (PIMENTEL e SIGRIST, 1971; GIBSON, 1975, p. 22), tornando-se decisiva, sobretudo na transição da adolescência para a idade adulta, fase em que se encontra a maioria dos alunos universitários. São exigidos cuidados em relação às atitudes e idéias do professor que influem no processo do desenvolvimento da cognição e socialização do aluno. Pode-se configurar benéfica essa influência quando possibilitar a continuidade do processo dinâmico de construção e afirmação da identidade pessoal e profissional do aluno (KLINE, 1977, INTERNET).

Em face da incerteza que invade o aluno ao ingressar no Ensino Superior, verifica-se a necessidade de autoridades do governo, dirigentes escolares e professores se conscientizarem e aprofundarem estudos mais objetivos sobre a importância formativa da relação professor-alunos. Dentre as inúmeras funções do Ensino Superior, pode ser considerado como ponto relevante o ensino praticado pelos professores para a formação do aluno como cidadão e como profissional competente, criativo e crítico.

Penteado (1994, p. 8-9) realça a importância do perfil do profissional que se pretende formar, indicando um profissional crítico, cuja capacidade criativa no curso se expressa de modo a saber como buscar o inusitado de forma conseqüente. Esse profissional deverá saber pensar e saber entender o mundo real e social como resposta às exigências e aos desafios dessa realidade, para a construção de um projeto que vise a uma sociedade melhor.

A formação e o saber profissional nos cursos de graduação ocorrem mediante um processo, cujas disciplinas específicas trabalham de modo articulado, tanto nos aspectos teórico-acadêmicos quanto nos conteúdos de dimensão prático-profissional, tendo como objeto a natureza, a sociedade e os homens concretos. Isso pressupõe que o aluno de Ensino Superior, além da aprendizagem dos conteúdos essenciais, desenvolva tanto as atitudes e habilidades condizentes com o seu papel de cidadão e com o seu exercício profissional qualificado, quanto os valores humanos que o guiam. Na Universidade, os valores humanos são o espaço social no qual as pessoas se reúnem para a prática elaborada do saber científico e cultural ao gerar, ampliar e aprofundar conhecimentos. Esse compromisso com o conhecimento implica em sua organização formal norteada por critérios vinculados a princípios filosóficos, presentes nos objetivos dos diferentes centros do saber.

Entendemos que a Universidade precisaria resgatar o compromisso do seu saber engajado com as questões de melhoria de qualidade de vida de um “novo” homem

(CALAZANS, 1994, p. 16), passando a ensinar bem o que deve ser ensinado e formando alunos capazes de pensamento autônomo.

O seu papel deve ser o de buscar a formação das pessoas numa perspectiva social, para promover a liberdade com responsabilidade, tanto no campo individual, como no social. Nesse ponto, é básica a relação pedagógica, a relação professor-aluno, sendo necessária a articulação com um projeto pedagógico sempre dinâmico e em atualização perene.

Procura-se assim a formação de um profissional seguro, flexível, inventivo, responsável e tecnicamente competente que atenda para os valores presentes na sociedade atual. Desenvolverá o pensamento, a criatividade e, sobretudo, a capacidade de participação social com competência no exercício de atividades para o bem-estar de todos. Preparar o aluno, apenas operacionalmente para a conjuntura atual, pode não ser suficiente, para a sua vivência e convivência no mundo do trabalho, na perspectiva do futuro (TEICHLER, 1996, p. 107).

Entretanto, não se pode perder de vista a afirmação de Oliveira (1996, p. 56 e 57): “A educação não transforma imediatamente a sociedade. Ela transforma de forma mediatizada.” Isto é, o processo de transformação que se dá pela educação refere-se não ao processo da transformação das condições materiais da estrutura social em que vivemos, mas da transformação das consciências. E as consciências existem nos sujeitos que atuam na prática social.

### **Procedimentos Metodológicos**

Na investigação e coleta de dados para o desenvolvimento das análises da Dissertação serão adotados caminhos e usos de instrumentos, tais como: consulta de arquivos e documentos dos cursos em estudo; questionários aplicados tanto aos alunos dos primeiros anos de quatro cursos, como a professores desses alunos. O estudo bibliográfico dará o suporte teórico às análises referentes ao assunto.

Esse trabalho terá aspectos de estudo de caso, procurando extrapolar seus limites para deitar luzes sobre uma situação geral e comum que se faz presente aos diversos cursos do Ensino Superior.

Segundo André (1985, p. 21) “estudo de caso, estuda-se intensivamente o background, a situação atual e as interações ambientais, de uma dada unidade social: um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma comunidade.” Desenvolve-se um estudo de caso, a partir de descobertas, que buscam retratar a realidade de forma completa e profunda, usando uma variedade de fontes de informações que revelam as experiências vicárias e permitem generalizações naturalísticas, procuram representar os diferentes e conflitantes pontos de vistas presentes numa situação social.

[André] caracteriza o desenvolvimento do estudo de caso em três fases: sendo uma primeira aberta ou exploratória, a segunda mais sistemática em termos de coleta de dados e a terceira consistindo na análise e interpretação dos dados e na elaboração do relatório. Estas três fases muitas vezes se superpõem, sendo difícil precisar as linhas que as separam. (ANDRÉ, 1985, p. 21)

A fase exploratória consiste na busca de informações que fundamentem a identificação do problema. Nesta fase, uma das formas de coleta de dados é a aplicação de questionário e entrevistas para a investigação de indicadores que justifiquem a relação da causa-efeito do fenômeno, bem como das conclusões, fundamentando-se na análise e interpretação dos dados coletados.

A segunda fase caracteriza-se pela coleta e organização de dados:

[...] onde uma vez identificados os elementos chaves, o pesquisador pode proceder a coleta sistemática de informações, utilizando instrumentos mais ou menos estruturados, técnicas mais ou menos variadas, sendo sua escolha determinada pelas características próprias do objeto estudado. (ANDRÉ, 1986, p. 23)

A terceira fase, caracterizada pela análise sistemática dos dados e elaboração do relatório, visa a tornar estas informações disponíveis aos interessados das mais variadas formas.

Esse tipo de pesquisa permite trabalhar os dados de campo, tentando identificar a relevância de determinada variável sobre um problema, especificamente, das variáveis sócio-econômico-educacionais sobre as aspirações dos alunos de primeiro ano de cursos do Ensino Superior. A população do presente estudo constitui-se de alunos e professores dos primeiros anos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Psicologia, Direito e Pedagogia, da Universidade Católica de Santos – UNISANTOS.

O total de alunos e professores é de 145 pessoas, sendo que nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Direito e Psicologia a amostra é de 40 alunos em cada curso, num universo de 360 alunos. Para o curso de Pedagogia são abordados todos os 20 alunos do primeiro ano. Como complementação e confirmação dos dados são envolvidos cinco professores das áreas de ciências exatas e humanas, num universo de 330 professores.

O instrumento básico de coleta de dados é o questionário, que consta de perguntas fechadas e de perguntas abertas para possível montagem de um quadro de propostas e sugestões para o tratamento do problema. Outro instrumento utilizado é a entrevista com roteiro de perguntas aos professores.

Segundo Ackoff (1975, p. 453), a validação do questionário é feita pelo “teste prévio que pode ser utilizado para a avaliação de um ou mais processos operacionais alternativos. Por exemplo, ao planejar um questionário é geralmente desejável conhecer, de antemão, a eficácia que ele possuirá.”

Os questionários são testados numa classe aleatória do primeiro ano do Curso de Ciência da Computação não apresentando nenhuma dificuldade de interpretação.

Como tratamento estatístico, são utilizadas nas entrevistas, análises pelo uso de medidas estatísticas não-paramétricas, visando a qualidade de ensino. Para melhor apresentação dos resultados, são usados tabelas e gráficos de distribuição de frequência com dados agrupados.

Segundo Ferreira (1974, p. 138), “a distribuição de frequência é uma série estatística, que resume os resultados de uma variável contínua na natureza quantitativa”. A frequência relativa percentual é expressa em termos percentuais e simbolizada por F%, calculada pela fórmula:

$$F\% = \frac{F \cdot 100}{\Sigma F}$$

Na análise dos dados, a partir das informações coletadas nos questionários, observam-se, como requisito básico, o levantamento e controle das variáveis que parecem influenciar na ocorrência do fenômeno das aspirações dos estudantes.

A literatura sobre as expectativas das estudantes indica que determinadas variáveis podem ser agrupadas como sócio-econômicas e outras como didático-pedagógicas. Os

dados coletados são trabalhados de acordo com estes agrupamentos das variáveis e na análise dos dados, ressaltando-se tanto os aspectos quantitativos quanto os qualitativos.

Ainda sobre a análise dos dados, diz Ferreira (1975, p. 479): “A análise está presente em vários estágios da investigação, tornando mais sistemática e mais formal após o encerramento da coleta de dados”.

São tomadas várias decisões sobre áreas que necessitam de exploração: nessas áreas pode haver determinados aspectos que precisem ser mais bem esclarecidos, outros que podem ser eliminados e outros ainda que podem indicar novas direções. Estas direções são decorrentes de um confronto entre os princípios teóricos do estudo e o que vai sendo “apreendido” durante a pesquisa, num movimento constante que perdura até a fase final do relatório.

Pela natureza do estudo e com base em outras pesquisas, são levantadas algumas variáveis consideradas relevantes na ocorrência do fenômeno, e com estas variáveis é feito o estudo da maior ou da menor intensidade sobre a ocorrência do fenômeno.

*Variáveis: Indicadores de Ordem Pessoal*

- ✓ Motivos;
- ✓ Expectativas;
- ✓ Percepções.

*Variáveis: Indicadores Sócio-Econômicos*

- ✓ Fator de ordem econômica: renda pessoal;
- ✓ Contribuição pelo trabalho na renda familiar;
- ✓ Investimento financeiro para o exercício profissional.

*Variáveis: Indicadores Didático-Pedagógicos*

- ✓ O curso satisfaz as reais necessidades dos alunos;
- ✓ Integração dos programas das disciplinas;
- ✓ Conduta do professor.

Para completar a compreensão do problema da pesquisa, é feita uma coleta de informações e dados junto aos professores com alto conceito junto aos alunos em estudo. Busca-se compreender como os professores concebem a sua atuação, como explicam a sua prática e qual é a percepção que têm do trabalho de orientação dos alunos que estejam realizando. Para tanto são usados questionários com questões abertas e fechadas e entrevistas

para esclarecimentos e ampliação de dados. Com isso busca-se entender as idéias básicas, os pensamentos e as perspectivas orientadoras da atuação dos professores no ensino.

O roteiro do questionário aos alunos é organizado em duas partes. Na primeira, considerada introdutória, são apresentadas questões abertas e fechadas para obter informações pessoais direcionadas à vida profissional, inclusive acerca da formação pedagógica recebida durante o curso de graduação. Na segunda parte, são apresentadas questões abertas com vistas à obtenção de dados sobre a opinião que o professor tem de suas práticas.

## CAPÍTULO I

### EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

#### **Sociedade Mundial**

As análises desse capítulo se apóiam no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, (DELORS, 2000). Têm como objetivo tecer as grandes linhas orientadoras das considerações a serem desenvolvidas nas interpretações dos dados e das situações abordadas no decorrer dessa investigação.

A Comissão aborda a situação mundial da educação, vendo nela os desafios para superar as dificuldades do mundo atual conturbado e globalizado, procurando transformá-los em utopias buscadas para sustentar a tarefa humana de sua construção permanente. Diante da realidade do mundo atual, uma das principais tarefas da educação é ajudar a transformar a interdependência real em solidariedade. Para tanto, é necessário preparar cada indivíduo para compreender melhor a si mesmo e ao outro, através de um melhor conhecimento do mundo. Para dominar o sentimento de incertezas e compreender melhor a crescente complexidade dos fenômenos mundiais, é necessário adquirir um conjunto de conhecimentos, aprender a relativizar os fatos e a manifestar o sentido crítico perante o fluxo de informações. Desse modo, a educação manifesta o seu caráter insubstituível na formação da capacidade de julgar.

A compreensão desse mundo passa pelo conhecimento das relações que ligam o ser humano ao seu meio ambiente. Não se trata aí de acrescentar nova disciplina, mas de reorganizar os ensinamentos de acordo com uma visão mais ampla que une homens e mulheres ao meio ambiente, recorrendo às ciências da natureza e às ciências sociais.

A responsabilidade da educação é essencial e delicada, na medida em que a noção de identidade se presta a uma dupla leitura: afirmar sua diferença, descobrir os fundamentos da sua cultura e reforçar a solidariedade do grupo. A educação deve, assim, procurar tornar o indivíduo mais consciente a fim de dispor de referências que lhe permitam situar-se no mundo.

A exigência da verdade, que leva ao reconhecimento de que os grupos humanos, povos, nações, não são todos iguais, obriga-nos a olhar para além da experiência imediata. O conhecimento das outras culturas torna-nos conscientes da singularidade da nossa própria cultura, mas também da existência de um patrimônio comum ao conjunto da humanidade.

### **Participação Democrática**

A importância da educação é dar a cada pessoa e, ao longo de toda a vida, a capacidade de participar ativamente, num projeto de sociedade. Não pode, isto sim, aderir a valores comuns forjados no passado.

É indispensável que o sistema educativo tenha por missão preparar cada um para esse papel social. É no dia-a-dia, na sua atividade profissional, cultural, associativa, que cada membro da sociedade deve assumir as suas responsabilidades em relação aos outros. Há necessidade, assim, de se preparar cada pessoa para essa participação, desenvolvendo suas competências e estimulando-os ao trabalho em equipe na escola. Esse trabalho e a preparação para uma participação mais efetiva na vida do cidadão tornaram-se, para a educação, uma missão de caráter geral, uma vez que os princípios democráticos se expandiram pelo mundo.

O objetivo é a aprendizagem do exercício do papel social em função de códigos estabelecidos. Assim, cabe à escola básica assumir a responsabilidade dessa tarefa: o objetivo é a instituição cívica concebida como uma alfabetização política. Não se trata de ensinar preceitos ou códigos rígidos. Trata-se de fazer da escola um modelo de prática democrática que leve as crianças a compreender quais são os seus direitos e deveres.

Deve-se, assim, reforçar essa aprendizagem da democracia na escola, elaborando regulamentos da comunidade escolar, criando parlamentos de alunos, jogos de simulação do funcionamento de instituições democráticas, jornais de escola, existentes hoje em todas as escolas do Ensino Fundamental da rede pública municipal, e exercícios de resolução não-violenta de conflitos.

Na Hungria, o programa intitulado “Educação para a democracia” foi sendo, progressivamente, levado a cabo a partir de 1990, quando Maxwell School of Citizenship and Public Affairs aceitou o convite de Rakuczí Gimnasium de Budapeste e do Instituto Húngaro de Pesquisa Pedagógica para estudarem juntos os meios de dar novo impulso à instituição cívica e ao exercício responsável da cidadania na Hungria. Baseado na convicção de que a educação pode, e deve, situar-se na vanguarda dos esforços desenvolvidos para implantar a democracia na Europa Central e Oriental no decorrer do atual período de transição, o programa da Comissão propõe a professores e alunos um certo número de princípios que permitem perspectivas renovadoras:

- Uma nova maneira de encarar a história e as ciências sociais, insistindo no ensino dos fatos, dos conceitos e das idéias gerais que se relacionam com fenômenos sociais, partindo do princípio de que o domínio dessas disciplinas deve levar os cidadãos a compreender melhor, quando tiverem de enfrentar os problemas da vida cívica.
- Na iniciação às questões de direito, dá-se relevo à preponderância do direito em democracia, assim como à importância dos princípios fundamentais que regem os procedimentos jurídicos.
- A reflexão crítica procura fazer com que o cidadão adquira a mestria intelectual, que lhe permita discernir a qualidade e validade de diferentes tipos de raciocínio e de juízos de valor.
- A ética e a formação moral são ensinadas através de exemplos concretos: os alunos são colocados perante dilemas morais e casos de consciência e convidados a argumentar, entre si, as razões da justeza do ato que constitui a boa solução sob o ponto de vista moral.
- O pluralismo e a educação multicultural leva em conta o interesse crescente suscitado nas escolas de todo o país pelos estudos relacionados com o patrimônio étnico. Os alunos são levados a ponderar o valor dos princípios de liberdade religiosa aplicáveis aos povos de qualquer confissão.

Finalmente, essa nova perspectiva insiste na necessidade de reformar a escola, pois seria contraditório ensinar a democracia, no seio de instituições de caráter autoritário. Por isso, para o aluno, a educação cívica constitui um conjunto complexo que tem adesão a valores, à aquisição de conhecimentos e à aprendizagem de práticas de participação na vida

pública. Quando, então, o aluno se tornar cidadão, a educação será o guia permanente. O que se coloca é o equilíbrio entre a liberdade do indivíduo e o princípio de autoridade que preside a todo o ensino, o que põe em relevo o papel dos professores na construção da capacidade de discernir autonomamente.

Vê-se, desse modo, que a educação dos cidadãos deve realizar-se durante a vida para se tornar uma força da sociedade civil e da democracia viva. Em qualquer projeto educativo, há uma exigência democrática pela emergência de “sociedades da informação”. A digitalização da informação operou uma revolução profunda no mundo da comunicação, caracterizada pelo aparecimento de dispositivos multimídia e por uma grande ampliação das redes telemáticas. A extensão das tecnologias e das redes de informáticas favorece a comunicação com o outro, e até em escala mundial. Esse trabalho à distância pode interferir nos laços de solidariedade criados nas empresas e que contribui para as atividades de lazer, isolando o indivíduo diante do computador.

No campo da educação e da cultura, o maior risco reside na criação de novas rupturas e de novos desequilíbrios. Estes desequilíbrios podem aparecer entre as diversas sociedades, principalmente as que se adaptarem às novas tecnologias e as que não o fizeram por falta de recursos financeiros ou de vontade política. O desenvolvimento das tecnologias pode abrir novas perspectivas do desenvolvimento, ajudando numerosas regiões. As tecnologias da informação e da comunicação poderão constituir, de imediato, um verdadeiro meio de abertura aos campos de educação não formal, tornando-se um dos vetores privilegiados de uma sociedade educativa. A comunicação e a troca de saberes já não serão apenas um dos pólos principais do crescimento das atividades humanas, mas sim um fator de desenvolvimento pessoal.

A democracia parece progredir segundo formas e fases adaptadas à situação de cada país. Mas a sua vitalidade é constantemente ameaçada. É na escola que deve começar a educação para uma cidadania consciente e ativa. Cabe, assim, à educação fornecer às crianças e aos adultos as bases culturais que lhes permitam decifrar, na medida do possível, as mudanças em curso. Os sistemas educativos devem dar resposta aos múltiplos desafios das sociedades da informação, na perspectiva de um enriquecimento dos saberes e do exercício de uma cidadania adaptada às exigências do nosso tempo.

## Interesse Econômico e Educação

A educação com fins econômicos, levada sob a pressão do progresso técnico, não parou de crescer em quase todos os países. A relação entre o ritmo do progresso técnico e a qualidade da intervenção humana torna-se cada vez mais evidente. Nesta perspectiva, a educação desenvolveu-se de tal maneira que se constituiu como um acelerador econômico. A rapidez das alterações tecnológicas fez surgir, em nível de empresas e dos países, a necessidade de flexibilidade qualitativa da mão-de-obra. A formação permanente de mão-de-obra adquire a dimensão de um investimento estratégico que implica a mobilização de vários tipos de atores: além dos sistemas educativos, formadores privados, empregadores e representantes dos trabalhadores estão convocados de modo especial.

No final do século XX, houve uma tendência forte no desenvolvimento de “sociedades da informação”, assim como a busca do progresso tecnológico, que caracteriza a dimensão cada vez mais imaterial do trabalho. Já não é mais possível pedir aos sistemas educativos que formem mão-de-obra para empregos industriais estáveis. Trata-se, desse modo, de as adaptar a um mundo em rápida mudança e capazes de dominar essas transformações. Nos primórdios, portanto, do século XXI, a atividade educativa e formativa, em todos os seus componentes, tornou-se um pólo principal do desenvolvimento. Contribuiu para o progresso científico e tecnológico, que caracterizou assim o fator decisivo do crescimento econômico.

A alfabetização e a escolarização progredem entre as populações dos países do sul, o que permitirá um reequilíbrio das relações econômicas mundiais. Observa-se que as desigualdades continuam a ser muito grandes no que diz respeito às atividades científicas e de pesquisa e desenvolvimento: em 1990 42,8% das despesas nesse setor efetuaram-se na América do Norte; 23,2% na Europa, 0,2% na África e 0,7% nos Estados Árabes.

A fuga de cérebros para os países ricos acentua ainda mais este fenômeno.

Os países em desenvolvimento perdem todos os anos milhares de especialistas, engenheiros, médicos, cientistas e técnicos. Frustrados, pelo baixo nível de salários e pelas possibilidades limitadas que se lhes oferecem nos países de origem, emigram para os países ricos onde as suas competências podem ser mais bem utilizadas e remuneradas.

Os países industrializados tiram proveito das aptidões dos imigrados. De 1960 a 1990 os Estados Unidos e o Canadá acolheram mais de um milhão de quadros e de técnicos vindos de países em desenvolvimento.

Esta perda de mão-de-obra especializada constitui uma grave hemorragia de capitais. O serviço de pesquisa do Congresso dos Estados Unidos calcula que em 1971/72 os países em desenvolvimento terão perdido vinte mil dólares de investimento por emigrante especializado, ou seja, um total de seiscentos e quarenta e seis milhões de dólares.

Em Gana, 60% dos médicos formados nos anos oitenta exercem a profissão no estrangeiro, provocando carências afluivas de pessoal nos serviços de saúde. Calcula-se que a África, no seu conjunto, tenha perdido sessenta mil quadros médios e superiores, de 1985 a 1990.

É nos países em desenvolvimento que incumbe, em primeiro lugar, este fenómeno. Devem adotar sistemas de ensino adaptados às suas necessidades reais e melhorar a gestão da sua economia. Mas, para isso, terão de ter mais amplo acesso aos mercados internacionais. (DELORS, 2000, p. 73)

## **Desenvolvimento Humano**

A educação, sob todos os pontos de vista, contribui para o desenvolvimento humano. Consiste, outrossim, em dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. Ela deve fazer com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que vive, baseando o desenvolvimento na participação responsável dos indivíduos e das comunidades. Esse desenvolvimento responsável não pode mobilizar todas as energias sem um pressuposto: fornecer a todos o “passaporte para a vida”, o qual os leve a compreender melhor a si mesmos e aos outros e, dessa maneira, a participar na vida em sociedade. A educação básica deve, portanto, englobar todos os conhecimentos para se poder ter acesso a outros níveis de formação. Deve-se, assim, insistir no papel formador do ensino das ciências, definir ainda uma educação que saiba, desde a mais tenra idade, por meios muito simples como a “lição das coisas”, despertar a curiosidade das crianças, desenvolver o seu sentido de observação e iniciá-las na atitude de tipo experimental. A educação básica deve, ainda, dar todos os meios de modelar, livremente, a sua vida e de participar na evolução da sociedade.

É preciso, portanto, a participação responsável de todos os membros da sociedade e a iniciativa ao trabalho em equipe, ao auto-emprego, e ao espírito empreendedor: é

necessário, ainda, ativar os recursos de cada país, mobilizar os saberes e os agentes locais, com vista à criação de novas atividades que afastem os malefícios do desemprego tecnológico.

A educação não se destina ao ser humano enquanto agente econômico, mas enquanto fim último do desenvolvimento. A missão fundamental da educação é desenvolver os talentos e as aptidões de cada um. Exigir a equidade que deve orientar qualquer política educativa e as verdadeiras necessidades de um desenvolvimento endógeno, e é preciso inscrevê-la para além de uma simples adaptação ao emprego, na concepção mais ampla de uma educação, ao longo de toda a vida, concebida como condição de desenvolvimento harmonioso e contínuo da pessoa. Assim, diversificar as ofertas educativas diferenciando:

- 1) Os seus conteúdos, a fim de escapar do modelo único, fonte de competição e, muitas vezes, de frustração.
- 2) Os tipos e percursos educativos, em nível de sistemas e estruturas, preservando sempre a coerência do conjunto (utilização dos meios de comunicação social; participação da educação informal e parcerias educativas).
- 3) Os métodos e locais de aprendizagem, especialmente no que se refere ao saber-fazer (aprendizagem em serviço; alternância com o local de trabalho).
- 4) Criar capacidades de pesquisar e peritos em nível regional; ensinar ciências segundo uma problemática sistêmica, recorrendo à “lição das coisas”, o que permite retirar conhecimentos da observação do meio envolvente natural ou artificial.
- 5) Estimular o desenvolvimento da criatividade e das capacidades de empreendimento endógenas. A observação da economia informal nos países em desenvolvimento e da inovação tecnológica nos países desenvolvidos prova que os mais criadores não são, necessariamente, os que obtêm sucesso na escola formal. Criar é, em si, um processo educativo orientado para resolver problemas. Sem matar as faculdades de iniciativa e de originalidade, é preciso proceder de modo a que o potencial de desenvolvimento da personalidade não seja malbaratado – em atividades ilícitas por exemplo – ou desencorajado. (DELORS, 2000, p. 84)

## Os Pilares da Educação

A educação, passo fundamental para o armazenamento de informações e para a comunicação, deverá transmitir, de forma eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva.

Cabe à educação, assim, fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele. A educação, ainda, deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais, que serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento:

- ⇒ aprender a conhecer (adquirir instrumento de compreensão);
- ⇒ aprender a fazer (agir sobre o meio envolvente);
- ⇒ aprender a viver juntos (participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas);
- ⇒ aprender a ser, (via essencial que integra as três precedentes).

Entretanto, o ensino formal orienta-se, exclusivamente, para o aprender a fazer. O aprender a conhecer visa ao domínio dos próprios instrumentos do conhecimento. Pode ser considerado como um meio e como uma finalidade da vida humana. Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir.

Apesar dos estudos sem utilidade imediata estarem desaparecendo, tal a importância dada atualmente aos saberes utilitários, a tendência para prolongar a escolaridade e o tempo livre deveria levar os adultos a apreciar, cada vez mais, as alegrias do conhecimento e da pesquisa individual. Assim, como o conhecimento é múltiplo e evolui, torna-se cada vez mais inútil tentar conhecer tudo e, depois do ensino básico, a omnidisciplinaridade é um grande engodo. A especialização, portanto, não deve excluir a cultura geral. Deve-se, sim, do princípio ao fim do ensino, cultivar duas tendências: cultura geral vasta e a possibilidade de trabalhar em profundidade determinado número de assuntos.

Aprender para conhecer, supõe aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento. Desde a infância, principalmente nas sociedades dominadas pela

imagem televisiva, o jovem deve prestar atenção às coisas e às pessoas. Essa aprendizagem da atenção pode revestir formas diversas e tirar partido de várias ocasiões da vida. Daí que o exercício é um antídoto necessário contra a submersão pelas informações instantâneas difundidas pelos meios de comunicação social. Seria prudente imaginar que a memória pode vir a tornar-se inútil, devido à enorme capacidade de armazenamento e difusão das informações de que dispomos. É preciso ser seletivo na escolha dos dados a aprender de cor mas, propriamente, a faculdade humana de memorização associativa. O processo de aprendizagem do conhecimento nunca está acabado e pode enriquecer-se com qualquer experiência.

Aprender a conhecer e aprender a fazer são indissociáveis. A segunda aprendizagem está mais estreitamente ligada à questão da formação profissional. Daí a pergunta: como ensinar o aluno a pôr em prática os seus conhecimentos e, como adaptar a educação ao trabalho futuro quando não se pode prever qual será a sua evolução? Neste propósito, o caso das economias industriais onde domina o trabalho assalariado do das outras economias onde domina o trabalho informal. Nas sociedades assalariadas que se desenvolveram ao longo do século XX, a partir do modelo industrial, a substituição do trabalho humano pelas máquinas tornou-o cada vez mais imaterial e acentuou o carácter cognitivo das tarefas. Aprender a fazer não pode, pois, continuar a ter o significado simples de preparar alguém para uma tarefa material bem determinada, para fazê-lo participar no fabrico de alguma coisa. Na indústria, principalmente para os operadores e os técnicos, o domínio do cognitivo e do informativo nos sistemas de produção torna um pouco obsoleta a noção de qualificação profissional e leva a que se dê importância à competência profissional.

Na questão de qualificação se deu muita importância a esse detalhe e às exigências aumentaram, tendo assim várias origens. Em relação ao pessoal de execução deu-se lugar à organização em “coletivos de trabalho” ou “grupos de projeto”. Os empregadores substituem a exigência de uma competência que se apresenta como espécie de coquetel individual, combinando a qualificação adquirida pela formação técnica e profissional, à aptidão para o trabalho em equipe e à capacidade de iniciativa. A aprendizagem da “desmaterialização” das economias avançadas é impressionante se se observar a evolução quantitativa e qualitativa dos serviços. Esse setor define-se pelo aspecto negativo, não são industriais nem agrícolas e, apesar de sua diversidade, tem em comum o fato de não produzirem um bem material. Muitos serviços definem-se em função da relação

interpessoal a que dão origem. O desenvolvimento dos serviços exige cultivar qualidades humanas que as formações tradicionais não transmitem e que correspondem à capacidade de estabelecer relações estáveis e eficazes entre as pessoas. Assim, é provável que, nas organizações ultratecnicistas do futuro, os déficits relacionais podem criar graves disfunções exigindo qualificações de novo tipo, com base mais comportamental do que intelectual. O que pode ser uma oportunidade para os não diplomados, ou com deficiente preparação em nível superior. O jeito, a capacidade e a intuição de julgar, a capacidade de manter unida uma equipe não são qualidades necessariamente reservadas a pessoas com altos estudos.

O trabalho é bem diferente nas economias em desenvolvimento, em que a atividade assalariada não é dominante. Em vários países, como a América Latina, África e Ásia, só uma pequena parcela da população tem emprego, recebendo salário, enquanto boa parte participa da economia tradicional de subsistência.

Em outros países em desenvolvimento existe, ao lado da agricultura, um setor de economia ao mesmo tempo moderno e informal, muitas vezes até dinâmico, à base de artesanato, de comércio e de finanças que revela a existência de uma capacidade empreendedora bem adaptada ao contexto local.

Após pesquisas efetuadas em países em desenvolvimento, percebe-se que encaram o futuro como estritamente ligado à aquisição da cultura científica que lhes dá acesso à tecnologia moderna, sem negligenciar com isso as capacidades de inovação e criação ligadas ao contexto local.

A aprendizagem de viver com os outros representa um dos maiores desafios da educação. O mundo atual é, muitas vezes, um mundo de violência que se opõe à esperança no progresso da humanidade. A opinião pública, através dos meios de comunicação social, torna-se observadora impotente e até mesmo refém dos que criam ou mantêm conflitos. Percebe-se, assim, que a educação não pôde fazer grande coisa para modificar essa situação. Pode-se conceber uma educação capaz de evitar conflitos, ou de os resolver de maneira pacífica.

É importante ensinar a não-violência na escola, mesmo que apenas constitua um instrumento, para lutar contra os preconceitos geradores de conflitos. A tarefa é árdua, pois os seres humanos têm tendência a supervalorizar as suas qualidades e as do grupo a que pertencem.

Temos, assim, que a educação deve utilizar duas vias complementares. Num primeiro nível, a descoberta progressiva do outro. Num segundo nível, a participação em projetos comuns, que parece ser um método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes.

A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos.

A educação, seja dada pela família ou pela escola, deve ajudá-los a descobrir a si mesmos. Só então poderão pôr-se no lugar dos outros e compreender as suas reações. Ensinando aos jovens a adotar a perspectiva de outros grupos étnicos ou religiosos pode-se evitar incompreensões geradoras de ódio e violência entre os adultos. O confronto, através do diálogo e da troca de argumentos, é um dos instrumentos indispensáveis à educação do século XXI. Assim, trabalhando-se em conjunto sobre projetos motivadores e fora do habitual, as diferenças e até os conflitos interindividuais tendem a reduzir-se, podendo até desaparecer.

Na prática do desporto, por exemplo, tensões entre classes sociais ou tensões de nacionalidade se transformam em solidariedade, através da experiência e do prazer do esforço comum. Desde a infância, a educação deve reservar oportunidades em seus programas, para iniciar os jovens em projetos de cooperação, tanto nas atividades desportivas como culturais.

Na prática letiva diária, a participação de professores e alunos em projetos comuns pode perfeitamente dar origem à aprendizagem de métodos de resolução de conflitos e constituir uma referência para a vida futura dos alunos, enriquecendo a relação professor-aluno.

No “aprender a ser”, todo o ser humano deve ser preparado, graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos críticos e para formular os seus próprios juízos de valor. Mais que preparar as crianças para a sociedade, o importante é fornecer-lhes forças e referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que as rodeia.

Num mundo em mudança, no qual um dos principais motivos parece ser a inovação tanto social como econômica, deve ser dada importância especial à imaginação e à criatividade.

Com tudo isso, é preciso oferecer às crianças e aos jovens todas as ocasiões possíveis de descoberta e de experimentação – artística, desportiva, científica, cultural e social. A preocupação em desenvolver a imaginação e a criatividade deveria valorizar a cultura oral e os conhecimentos retirados da experiência da criança e do adulto.

O desenvolvimento tem por objeto a realização completa do homem, em toda a sua riqueza e, na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro de uma família, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos.

### **As Missões do Ensino Superior**

Temos de considerar que o Ensino Superior, em qualquer sociedade, é a mola propulsora do desenvolvimento econômico e dos pólos da educação, ao longo de toda a vida. Verifica-se, assim, que o Ensino Superior é de suma importância num mundo em que os recursos cognitivos, enquanto fatores de desenvolvimento, tornam-se cada vez mais importantes do que os recursos materiais. Devido à inovação e ao progresso tecnológico, as empresas, cada vez mais, exigirão profissionais competentes, habilitados, com estudos de nível superior. Entretanto, o Ensino Superior está em crise há aproximadamente dez anos, em grande parte do mundo em desenvolvimento. O desemprego de diplomados e o êxodo de cérebros arruinaram a confiança depositada no Ensino Superior. As pressões sociais e as exigências do mercado de trabalho diversificaram os tipos de estabelecimentos de ensino e de cursos. O Ensino Superior não escapou à força e urgência com que, em nível político, afirma-se a necessidade de uma reforma da educação.

O ensino, mesmo quando comparado às outras funções inerentes à Universidade, ocupa lugar central em nossas Universidades. Tal privilegiamento é detectado no exame da História da Educação Superior que, apesar de no Brasil, oficialmente, ser fruto tardio, apresenta uma trajetória caracterizada por constantes alterações que tiveram como razão, ou entre suas razões, o ensino. Em nome desse ensino, não só têm sido realizadas inúmeras transformações menores, como adendos à legislação existente e também políticas de largo espectro como reformas universitárias.

Nesse caminhar, em nome do ensino, foram criados, no século passado, os primeiros cursos superiores, no país, com o objetivo de formar profissionais liberais, conferindo-lhes

um diploma. Em nome do ensino, no final da década de 60, promulgou-se uma profunda reforma no sistema universitário brasileiro, reforma que buscava, entre outras coisas, atender às aspirações de ascensão social, pela via do Ensino Superior, das camadas médias urbano-industriais. São, então, as Universidades que reúnem um conjunto de funções tradicionais associadas ao progresso e à transmissão do saber: pesquisa, ensino e formação, educação permanente.

A responsabilidade das Universidades, no desenvolvimento da sociedade no seu todo, é mais evidente nos países em desenvolvimento, onde os trabalhos de pesquisa dos estabelecimentos de Ensino Superior fornecem a base essencial dos programas de desenvolvimento, da formulação de políticas e da formação dos recursos humanos de nível médio e superior. Como fonte do saber, é importante que as instituições do Ensino Superior mantenham um potencial de pesquisa de alto nível nas suas áreas de competência devido ao papel crescente desempenhado pelo saber científico e tecnológico na sociedade e na indústria. Tanto nas ciências sociais como nas ciências exatas, a pesquisa científica deve ser independente e estar protegida de pressões políticas e ideológicas, porém deve contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

Já que o grande desenvolvimento de conhecimentos e de informações passa por um crescimento exponencial, é importante que se dê uma qualidade e formação aos professores e que se dê a qualidade de ensino, através das instituições do Ensino Superior. Essas têm um papel decisivo a desempenhar na formação de professores, na instauração de relações estreitas com os estabelecimentos de formação pedagógica que não pertencem ao Ensino Superior e na preparação de professores de formação pedagógica.

Na análise da evolução do mercado de trabalho, observa-se que as estruturas de emprego evoluem à medida que as sociedades progridem e a máquina substitui o homem: diminui o número de trabalhadores enquanto aumentam as tarefas de supervisão e de organização e crescem as necessidades de capacidades intelectuais em todos os níveis.

As empresas exigem, cada vez mais, do seu pessoal, a capacidade de resolver novos problemas e de tomar iniciativas. Não querem indivíduos eminentemente técnicos. Com isso, as Universidades tiveram que conceder mais espaço à formação científica e tecnológica para assim corresponder à procura de especialistas que estejam a par das tecnologias mais recentes e sejam capazes de gerir sistemas cada vez mais complexos.

Algumas Universidades se preocupam em saber se convém os melhores estudantes para a pesquisa ou para as indústrias. Com isso se obriga a preservar o caráter pluridimensional do Ensino Superior, a fim de assegurar aos formados uma preparação adequada à entrada no mercado de trabalho.

Hoje, a Universidade se preocupa, além de preparar os jovens para a pesquisa ou empregos qualificados, em alimentar o saber, para assim encontrarem, na sua própria curiosidade de espírito, o meio de dar sentido à vida.

As Universidades têm certas particularidades que as tornam locais privilegiados para desempenhar essas funções. Todas as universidades deviam tornar-se “abertas” e oferecer a possibilidade de aprender a distância e em vários momentos da vida. A experiência do ensino a distância demonstrou que, no nível do Ensino Superior, uma dose de utilização dos meios de comunicação social, de cursos por correspondência, de tecnologias de comunicação informatizadas e de contatos pessoais, pode ampliar as possibilidades oferecidas, a um custo baixo. De acordo com a idéia, segundo a qual cada um deve simultaneamente aprender a ensinar, a Universidade deve apelar mais à colaboração de especialistas, além dos professores do Ensino Superior.

As instituições de Ensino Superior estão bem direcionadas para sanarem o déficit de conhecimentos e enriquecerem o diálogo entre povos e entre culturas. Entretanto, a mútua colaboração entre cientistas da mesma disciplina transcende as fronteiras nacionais e constitui instrumento para a internacionalização da pesquisa e da tecnologia.

O êxodo de pessoal altamente qualificado, em busca de tarefas de pesquisa nos grandes centros, continuará a empobrecer as regiões mais pobres. No entanto, percebe-se que alguns pesquisadores e diplomados regressam aos seus países de origem.

O setor econômico tem necessidade de estabelecer parcerias de pesquisa com as Universidades, tanto no mundo desenvolvido como no mundo em desenvolvimento, para assim estudar os problemas de desenvolvimento nas diferentes regiões.

## Educação e Futuro

A aplicação das tecnologias do ensino a distância, já em evidência, constitui uma primeira via promissora para todos os países. É sobre isso que a comunidade internacional deverá refletir no futuro. Essa comunidade pode apoiar-se, através de uma sólida experiência internacional, nos anos 70 a partir da criação da “Open University” no Reino Unido. O ensino a distância recorreu a diversos módulos, como cursos por correspondência, televisão, suportes audiovisuais e teleconferências.

As tecnologias educativas e o lugar dos meios de comunicação, nos diferentes sistemas de ensino a distância, são muito variáveis, podendo ser adaptados à situação e às infra-estruturas de cada país, o que leva a crer, hoje, que as novas tecnologias desempenharão um papel cada vez mais importante na educação de adultos, de acordo com as condições próprias de cada país. Entretanto, as novas tecnologias oferecem, como instrumento de educação de crianças e adolescentes, uma oportunidade sem precedentes de responder, com toda a qualidade necessária, a uma procura mais intensa e diversificada. O recurso ao computador e aos sistemas multimídia permite traçar percursos individualizados em que cada aluno progride de acordo com o seu ritmo.

A tecnologia do disco compacto é, especialmente, promissora. O recurso às novas tecnologias constitui um meio de lutar contra o insucesso escolar. Muitas vezes, alunos com dificuldades no sistema tradicional ficam mais motivados quando têm oportunidade de utilizar essas tecnologias, podendo revelar assim os seus talentos.

Devemos destacar que, desde abril do corrente ano, Santos é o núcleo regional de São Paulo do projeto “A Vez do Mestre”, programa de pós-graduação a distância realizado em todo país pela Universidade Cândido Mendes, do Rio de Janeiro (UCAM). A Universidade oferece cursos em nível de especialização nas áreas pedagógica e empresarial. O processo de aprendizagem acontece por meio de um CD-ROOM ou apostilas, ambos fornecidos pela UCAM. Já a UNISANTA e a Associação Brasileira de Ensino à Distância (ABED) estão programando a criação do Núcleo de Educação a Distância da UNISANTA. Será para fomentar pesquisas de educação digital e implementar cursos desse tipo na Instituição.

A formulação de políticas de difusão, nos países em desenvolvimento, representa um desafio para a educação e exige estreita cooperação entre empresas, governos e organizações internacionais.

Assim, o livro, apesar de não ser o único instrumento pedagógico, não deixa de ocupar um lugar central no ensino: continua sendo o suporte mais fácil de manejar e mais econômico, ilustra o ensino do professor, permitindo que o aluno reveja os seus conhecimentos e adquira autonomia.

Devemos ainda ponderar que, com o desenvolvimento das novas tecnologias, não diminui o papel dos professores, ao contrário, modifica-o profundamente e constitui para eles uma oportunidade que devem aproveitar. Na era da informação, o professor já não pode ser considerado como o único detentor de um saber que apenas lhe basta transmitir. Torna-se parceiro de um saber coletivo, que lhe compete organizar, situando-se, decididamente, na vanguarda do processo de mudança. Além disso, os professores devem ser sensíveis também às modificações profundas que as novas tecnologias provocam nos processos cognitivos. Já não basta que os professores ensinem os alunos a aprender, têm também de os ensinar a buscar e a relacionar entre si informações, revelando espírito crítico. Dada a enorme quantidade de informações que circulam nas redes de informação, ser capaz de orientar no meio dos saberes, tornou-se um pré-requisito do próprio saber e necessita daquilo que alguns já chamam “nova alfabetização”. Ela constitui uma via privilegiada de acesso à autonomia, levando cada um a comportar-se em sociedade como um indivíduo livre e esclarecido.

Ensinar é uma arte e nada pode substituir a riqueza do diálogo pedagógico. Contudo, a revolução mediática abre ao ensino vias inexploradas. As tecnologias informáticas multiplicaram por dez as possibilidades de busca de informações e os equipamentos interativos e multimídia colocam à disposição dos alunos um manancial inesgotável de informações:

- ⇒ computadores de qualquer capacidade e complexidade;
- ⇒ programas de televisão educativa por cabo ou satélite;
- ⇒ equipamento multimídia;
- ⇒ sistemas interativos de troca de informações, incluindo correio eletrônico e acesso direto a bibliotecas eletrônicas e a bancos de dados;
- ⇒ simuladores eletrônicos;
- ⇒ sistemas de realidade virtual em três dimensões.

Munidos dos novos instrumentos, os alunos tornam-se pesquisadores. Os professores ensinam aos alunos avaliar e gerir,

na prática, a informação que lhes chega. Esse processo revela-se muito mais próximo da vida real do que os métodos tradicionais de transmissão do saber. Começam a surgir, nas salas de aula, novos tipos de relacionamento.” (.....)

## **Exigências Atuais da Educação**

Hoje, o mundo é o cenário de inovações científicas e tecnológicas fundamentais, de mudanças na economia e na política, e de transformações de estruturas demográficas e sociais. Essas alterações, que irão acelerar-se no futuro, criam tensões enormes, em especial, no campo da educação, a qual terá de dar resposta a necessidades crescentes.

Em face das exigências do nosso tempo, é necessário revelar ao mesmo tempo criatividade, vontade firme de operar mudanças reais e estar à altura das tarefas que nos esperam. Em matéria de educação, as políticas de reforma devem ter como objetivo a excelência. O desenvolvimento da educação consistiu em dar resposta à crescente procura de instrução escolar, deixando de conceder prioridade à qualidade da educação.

Viram-se, então, escolas superlotadas, métodos de ensino ultrapassados, aprendizagens memorizadas, e professores incapazes de se adaptarem a métodos modernos. A ambição de garantir educação a todos fez com que se negligenciassem as necessidades dos alunos dotados. Quaisquer que sejam as boas intenções das políticas tradicionais, privar os alunos mais dotados de possibilidades adequadas de educação é privar a sociedade dos recursos humanos mais preciosos que ela possui para chegar a um desenvolvimento real e eficaz. Diante dessa situação, é preciso criar outras possibilidades de educação, com métodos e conteúdos mais bem elaborados para dar resposta às diferenças individuais. Assim, a busca de excelência implica a elaboração de programas de ensino mais ricos, de acordo com os talentos e as necessidades diversas de todos os alunos, de modo a que todos realizem as suas possibilidades e os talentos excepcionais possam ser mantidos e cultivados. É importante, ainda, fazer com que os professores sejam mais bem preparados na área da pedagogia de programas de alto nível.

Alguns países adotaram sistemas educativos modernos, para moldar os indivíduos, como também a sociedade no seu conjunto. Devem, dessa maneira, proceder a uma

reforma do seu sistema escolar em nível dos métodos pedagógicos, conteúdos e gestão. Segundo Amagi, (1999, p. 218), os responsáveis pela educação deveriam abordar o problema de qualidade do ensino escolar, sob três aspectos:

I - Melhoria das competências dos professores, mediante a adoção das seis políticas seguintes:

- 1) O nível de formação dos professores é atualmente, em alguns países, o dos estudos secundários; esta formação deveria ser revalorizada e passar a ser de nível superior;
- 2) Os certificados de aptidão para o ensino deviam indicar para que nível e para que tipo de educação – primário, secundário, ensino técnico, ensino especial etc...
- 3) O recrutamento e a destinação dos professores deviam deixar transparecer o cuidado em garantir um justo equilíbrio entre as diversas áreas, entre professores com mais e com menos experiência, entre zonas urbanas e zonas rurais;
- 4) A formação em serviço é uma forma de educação permanente altamente recomendada, por permitir a todos os membros do corpo docente melhorar suas competências pedagógicas;
- 5) As condições de trabalho dos professores – dimensão da turma, as horas ou dias de trabalho e os meios de que dispõem;
- 6) A remuneração dos professores deveria ser suficientemente elevada, a fim de levar jovens talentosos a abraçar a profissão.

II - Concepção e elaboração de programas e aspectos conexos:

Deveriam ser fruto de uma colaboração entre as autoridades e os grupos profissionais interessados. Os programas escolares devem estar de acordo com os conteúdos de formação dos professores.

Os programas deveriam levar em conta os avanços da pesquisa em ciências exatas e naturais e em ciências humanas. Quando da elaboração dos métodos de ensino e aprendizagem, conviria refletir, igualmente, no papel dos estudos experimentais e na experiência que se adquire vivendo e trabalhando em contato com a natureza.

III- Gestão das escolas: é o terceiro domínio no qual é possível melhorar o ensino escolar. A escola é uma instituição educativa fundamental onde são organizadas atividades práticas de caráter pedagógico. Apesar de, como sucede na maior parte dos casos, o professor trabalhar sozinho na sua aula, ele faz parte de uma equipe cujos membros constituem juntos, o que poderíamos chamar a cultura da escola. Esta dificilmente poderá oferecer um ensino de alta qualidade se não for dirigida com eficácia pelo diretor do estabelecimento, com a cooperação ativa dos professores.

Finalmente, a melhoria de qualidade do ensino escolar nos três aspectos que foram apresentados acima, deveria ser um objetivo fundamental dos responsáveis políticos em todos os países, sejam quais forem as circunstâncias, no próximo século.

## CAPÍTULO II

### PERFIL DOS ALUNOS

Nesse capítulo, observou-se inicialmente a faixa etária dos alunos, como referencial da mais baixa à mais alta idade, sua formação educacional básica, a participação na vida econômica e o convívio social e cultural.

#### Faixa Etária

Pode-se observar que há algumas diferenças nas faixas etárias dos quatro cursos, cuja tendência da maioria está concentrada na faixa 17 a 24 anos, com exceção do curso de Pedagogia, cujos alunos são de faixa mais avançada, como se vê na tabela 1. Tal fato entende-se porque os candidatos para o curso de Pedagogia são oriundos do curso de Magistério. Normalmente, esses alunos começam a trabalhar logo depois de formados, e só depois tentam um Curso Superior.

**TABELA 1 - Idade**

CURSOS IDADES	ARQUITETURA E URBANISMO		DIREITO		PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%
17 a 20	29	72,5	18	45	15	37,5	2	10
21 a 24	7	17,5	11	27,5	12	30	6	30
25 a 28	4	10	3	7,5	6	15	5	25
29 a 40	-	-	5	12,5	7	17,5	6	30
41 a 52	-	-	3	7,5	-	-	1	5
Total	40	100	40	100	40	100	20	100

*Fonte: Alunos dos 1<sup>os</sup> anos – 2003 – UNISANTOS*

Embora hoje os jovens procurem o Curso Superior para completar seus estudos, pode-se observar que dentre os quatro cursos estudados, a faixa etária mais baixa é concentrada no de Arquitetura e Urbanismo. Isto é facilmente explicado, por evidenciar dois aspectos:

- I - O período de duração do curso é de 5 anos, o que permite maior concentração de jovens;
- II - O pretense candidato, com idade mais avançada, analisa com mais cuidado, pois poderá formar-se, em média, com 30 anos ou mais, dificultando, após formado, seu ingresso no mercado de trabalho.

Ao contrário desse curso, os demais são procurados por uma faixa etária mais avançada, pois, além dos cursos como Direito e Pedagogia terem menos tempo de duração, há um leque maior de opções. Há uma certa facilidade no mercado de trabalho, dado que o aluno do curso de Direito, como graduado em Ciências Jurídicas, está apto a tornar-se Juiz de Direito, Promotor de Justiça, Procurador, Delegado de Polícia, Consultor Jurídico, Advogado de empresas, quer comercial quer industrial, e outras funções.

No curso de Pedagogia, o mercado de trabalho é amplo, principalmente com a importância que a Educação tem para o processo de transformação do quadro em que se encontra o País. Os empregos diversificam-se nas várias especializações, porém estão, na grande maioria, dentro da escola.

No curso de Psicologia, cuja duração é também de 5 anos, como o de Arquitetura e Urbanismo, há uma pequena variação entre as faixas etárias mais baixa e mais alta, por ser curso de saúde social, cujo perfil torna-se atraente para aqueles que aspiram a essa profissão. O campo de trabalho está nas clínicas particulares, nas escolas, onde atua como psicólogo. O psicólogo pode utilizar métodos e técnicas para um diagnóstico e avaliação psicológicos de indivíduos, de grupos e de organizações, seleção profissional, solução de problemas de ajustamento. Ele ainda pode dirigir serviços de psicologia em órgãos e estabelecimentos públicos, de economias mistas e particulares, realizar laudos e emitir pareceres sobre aspectos referentes ao campo da psicologia.

Podemos analisar a distribuição das faixas etárias através do gráfico



## **Formação Educacional Básica**

A formação para a educação básica, nos dias de hoje, é importante nas aspirações dos estudantes em relação ao Curso Superior. Verifica-se que a influência sobre a sociedade, segundo Saviani, (1980, p. 25), depende de como essa educação se posiciona em frente dos valores sociais, isto é, ela pode ou não valorizar a cultura sendo conservadora ou crítica. Da mesma forma, a sociedade pode influenciar a educação, transmitindo as ideologias da classe dominante, numa prática social global, através do processo de cultura.

Melo (1973, p. 3) observa que uma escola será democrática se colocar sua competência técnica a serviço das necessidades populares. Argumenta ainda que encontramos elementos importantes para a causa do fracasso escolar, tal como, a incompetência técnica, que tem muito a ver com a ação do educador, o qual, através da escola, transmitiria conhecimentos básicos úteis às camadas populares.

Nota-se que a clientela da escola pública é constituída, na sua maioria, por alunos menos favorecidos. Pensando nessa população, os educadores lutaram, na Constituinte de 1988, para que o ensino público fosse gratuito e laico em todos os níveis de escolaridade, como direito de todos os cidadãos brasileiros sem distinção de sexo, raça, idade ou classe social. Mas o que se verifica hoje é que tais escolas se degeneraram, surgindo, assim, em grande número, as escolas particulares.

TABELA 2 – Formação Educacional Básica

CURSOS FREQUÊNCIAS	ARQUITETURA E URBANISMO		DIREITO		PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%
<b>ENSINO FUNDAMENTAL</b>								
Particular	24	60	16	40	26	65	-	-
Escola Pública	12	30	21	52,5	10	25	20	100
Da Pública para a Particular	4	10	3	7,5	4	10	-	-
Total	40	100	40	100	40	100	20	100
<b>ENSINO MÉDIO</b>								
Particular	26	65	26	65	32	90	-	-
Escola Pública	10	25	11	27,5	2	5	20	100
Da Pública para a Particular	4	10	3	7,5	2	5	-	-
Total	40	100	40	100	40	100	20	100
<b>CURSO PROFISSIONALIZANTE</b>								
Sim	15	37,5	-	-	-	-	-	-
Não	25	62,5	-	-	-	-	-	-
Total	40	100	-	-	-	-	-	-

*Fonte: Alunos dos 1<sup>os</sup> anos – 2003 – UNISANTOS*

A maioria dos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo é oriunda de escola particular, tanto do ensino fundamental como do Ensino Médio. Nota-se, conforme tabela 2, que os alunos que estavam na escola pública transferiram-se para a particular.

Na entrevista, observa-se que essa contingência, a maioria ser oriunda de escolas particulares, está relacionada à renda familiar, já que as famílias estão inseridas no nível médio e médio alto, tendo assim condições de frequentar escolas pagas. Já do curso

profissionalizante, o interesse foi pequeno, não havendo motivação, pois julgavam que o Ensino Médio daria melhores condições de prestar o vestibular com maior sucesso.

Diferente do curso de Arquitetura, os alunos do curso de Direito, cursaram em sua maioria o Ensino Fundamental na escola pública, ao contrário do que ocorre no Ensino Médio, cuja maioria preferiu a escola particular. O objetivo desse interesse pela escola particular é se preparar melhor para o vestibular, alegando que o Ensino Médio da escola particular é melhor estruturado, exigindo mais do aluno. Sabiam que iriam se sacrificar financeiramente, mas seriam compensados.

Hoje, prevalecem escolas particulares, tanto no nível fundamental como no nível médio. Referidas escolas estão melhores aparelhadas, apresentando excelentes estruturas didático-pedagógicas, social, cultural e esportiva. Oferece ainda ao aluno cursos de línguas estrangeiras, cursos de informática, proporcionando outras vantagens, como curso de teatro, danças, etiquetas e outros.

Infelizmente, as escolas públicas nada oferecem. Não valorizam seus professores, pagando salários irrisórios, não se reestruturam, salas de aulas e instalações inadequadas, falta de material didático e muitas outras coisas. Em vista de todas essas precariedades, os pais preferem se sacrificar, pagando mensalidades com custo elevado, porém, sabendo que seus filhos terão melhores oportunidades nos exames vestibulares. Isto mostra o porquê de muitas transferências das escolas públicas para as particulares, principalmente do Ensino Médio.

Ao contrário do que acontece nos cursos acima citados, os alunos do curso de Pedagogia são todos oriundos das escolas públicas, quer do ensino fundamental, quer do Ensino Médio. Tal fato é explicado através de entrevista com os alunos, em que a grande maioria é de índice financeiro médio para baixo, e, ainda, alguns alunos são da região litorânea, de classe média para baixo.

Nos quatro cursos estudados, observamos que os oriundos dos cursos profissionalizantes foram muito pouco.

Para tanto, e fazendo uma regressão para esse fenômeno, mostramos que, com a revolução industrial no fim do século XVIII e princípio do século XIX, mudanças de ordem econômica e social trouxeram a necessidade de educar muito mais que uma pequena fração da população. A partir daí, o ensino elementar começou a estender-se pelas classes populares, criando-se para estas um ensino diferente e de caráter profissionalizante,

enquanto para outros era uma iniciação científica. No fim do século XIX, com a industrialização, a estrutura tradicional das nossas escolas começa a causar inquietações. Teve início assim a transformação de estrutura agrária para uma estrutura econômica e social de natureza tecnológico-industrial. Um ensino mais profissionalizante foi se fazendo necessário, e, em 1910, o ensino técnico-industrial se desenvolve com as escolas de aprendizes, artífices, criadas pelo governo Nilo Peçanha, em todas as capitais dos Estados.

Nos primeiros anos da Nova República, o Brasil começou a viver uma época fértil em matéria de educação. A revolução de 1930 se propôs a ser, também, uma revolução educacional. Em 1942, aparecia no cenário da educação brasileira a reforma Gustavo Capanema que visava ao ensino secundário e técnico-industrial. Modificaram-se os dois ciclos de estudos para 4 e 3 anos, denominando-os respectivamente Ginásio e Colégio. O 2º ciclo foi dividido em dois ramos distintos: o científico e o colegial.

O ensino industrial foi também reestruturado em dois ciclos: o básico de quatro anos, para formar artífices especializados e o segundo de três anos, para formar técnicos especializados.

A reforma do ensino industrial de 16 de fevereiro de 1959 – Lei nº 3552 - exerceu papel importante na identificação do ensino técnico com o ensino secundário. De acordo com essa reforma, o ensino industrial, mantendo a estrutura de dois ciclos, passou a compreender, no primeiro, os cursos de aprendizagem e o básico e, no segundo, os cursos técnicos.

A integração empresa-escola tem se mostrado interessante e eficiente. Apesar de serem consideradas “ilhas de excelência” na rede pública, as escolas técnicas apresentam problemas como a defasagem em relação aos avanços tecnológicos. Verbas limitadas não permitem que as escolas acompanhem as inovações que surgem no mercado.

A opção de parceria junto às empresas daria aos estudantes a oportunidade de conhecerem equipamentos de ponta e novos métodos de organização nas linhas de produção.

Conforme publicação em “A Tribuna”, de 19/01/04 (p. A3), foi efetuada uma pesquisa pelo próprio jornal e constatou-se que, em Santos, o número de alunos matriculados no período 2001/2003, na rede particular, é maior que o número de alunos matriculados nas escolas da rede municipal e estadual, no Ensino Médio.

Em entrevista sobre este assunto, a prof<sup>a</sup> Almeida (2004, p. 3), Dirigente Regional do Ensino de Santos, atribui o fato da brusca diminuição do número de alunos matriculados nas escolas estaduais, à redução da taxa de natalidade e ao envelhecimento populacional.

Conforme dados do IBGE, houve uma queda aproximadamente de 50% na natalidade nos últimos 20 anos.

Além desses pontos, o processo de municipalização, que teve início em 1996, também contribuiu para a redução do número de alunos nas escolas estaduais.

A Secretária Municipal de Educação, prof<sup>a</sup> Fontoura (2004, p. 3-5) atribui à diminuição de alunos na rede municipal a dois fatores: “culturalmente a população ainda tem a idéia de que o serviço público não é bom”: - “as escolas particulares inovam, com cursos de línguas estrangeiras, informática e algumas com áreas esportivas”.

## **Trabalho e Família**

O nível sócio-econômico do aluno, freqüentemente identificado como *background* social, está ligado à educação e ocupação dos pais, renda da família, estado nutricional e de saúde do aluno. Na pesquisa, verifica-se, entre os quatro cursos, que a maioria dos estudantes é sustentada pela família, característica que está ligada ao baixo índice de emprego.

Devido a isso, numa pesquisa sobre marginalização cultural, Poppovic (1973, p. 11-60), estudou as variáveis ambientais de alunos oriundos de famílias pobres que produzem alta incidência de frustração escolar. Os fatores levantados, tais como, condições de vida e aspectos culturais, colaboraram para o fracasso vital do indivíduo e, conseqüentemente, para a baixa participação social.

TABELA 3 – Trabalho e Família

CURSOS FREQUÊNCIAS	ARQUITETURA E URBANISMO		DIREITO		PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%
<b>PARTICIPAÇÃO NA VIDA ECONÔMICA</b>								
É sustentado pela família	30	75	26	65	24	60	14	70
Recebe ajuda da família	6	15	5	12,5	7	17,5	3	15
É o único responsável pelo sustento	2	5	3	7,5	6	15	2	10
É o responsável pelo sustento e contribui com a família	2	5	6	15	3	7,5	1	5
Total	40	100	40	100	40	100	20	100
<b>TRABALHA?</b>								
Sim	9	22,5	10	25	24	60	20	100
Não	31	77,5	30	75	16	40	-	-
Total	40	100	40	100	40	100	20	100
<b>NA ÁREA DO CURSO?</b>								
Sim	9	22,5	14	35	8	20	15	75
Não	31	77,5	26	65	32	80	5	25
Total	40	100	40	100	40	100	20	100
<b>POSSUI NA FAMÍLIA ALGUM PROFISSIONAL NA ÁREA DO CURSO?</b>								
Sim	11	27,5	16	40	-	-	3	15
Não	29	72,5	24	60	40	100	17	85
Total	40	100	40	100	40	100	20	100

Fonte: Alunos dos 1<sup>os</sup> anos – 2003 – UNISANTOS

Em relação à participação na vida econômica da família, no curso de Arquitetura e Urbanismo, observou-se fato interessante: boa parte dos homens é sustentada pela família e poucos trabalham, e os que o fazem não atuam na área de seu estudo; já no grupo das mulheres, há um índice elevado que é sustentado pela família.

Isso acontece, provavelmente, por tratar-se de um curso com carga horária elevada, sendo difícil o trabalho remunerado. A maioria é sustentada pela família. Nota-se que alguns trabalham, porém, conforme depoimento pessoal, não é suficiente para manter o curso. Dentre os que trabalham, são poucos os que atuam na área do curso, dada a dificuldade de trabalho. Isso acontece porque em economia o conceito de desenvolvimento diferenciou-se da noção de crescimento, com uma acepção qualitativa não inerente a este, e especificamente relacionada aos problemas de alguns países do Terceiro Mundo. A questão do desenvolvimento, nesse sentido, é o inverso do subdesenvolvimento, de acordo com a Enciclopédia Larousse Cultural. (Pequeno Dicionário Enciclopédico – p. 265). O documento acrescenta, ainda, que economistas, sociólogos e geógrafos isolam certo número de características que indicam a falta de desenvolvimento ou desenvolvimento insuficiente em determinados países.

No curso de Direito, os que estão na faixa de 17 a 24 anos, admitem que são sustentados pela família, por falta de opção de trabalho, embora se esforcem à procura de emprego. Da faixa de 25 anos em diante, alguns afirmam que são os únicos responsáveis pelo sustento. Poucos são os que contribuem para o sustento da família.

No curso de Psicologia, na mesma faixa etária, ou seja, de 17 a 25 anos, uma boa parte é sustentada pela família. Os que trabalham recebem ajuda da família para suportar o elevado custo não só da mensalidade, como de outras despesas, como transporte, livros, cadernos, xerox e outras.

Os alunos do 1º ano não podem estagiar, o que causa a falta de recurso monetário.

No curso de Pedagogia, 70% das alunas são responsáveis pelo seu próprio sustento, sendo que algumas recebem ajuda da família. Este contingente trabalha, porém, muitas vezes, carecem de recursos para manter a Faculdade. Uma pequena parcela, embora seja responsável pelo próprio sustento, ainda contribui para o sustento da família.

Pela natureza do estudo, deu-se destaque a esse item procurando saber se há influência da família na decisão ou na escolha do curso.

O fato de terem familiares trabalhando na área, muitas vezes, caracteriza-se como um ponto fundamental na escolha do curso, pois verificam o sucesso, o mercado de trabalho e, outras vezes, o “status” social.

Ao observar a facilidade com que esse familiar se destaca no mercado de trabalho, sofre a influência na referida escolha. No entanto, o aluno, ao ingressar no Ensino Superior, está na fase mais crítica de sua formação, tanto no que diz respeito às questões de suas formas de inserção na vida social e profissional, como no que se refere à sua identidade pessoal em face do mundo que o cerca.

No curso de Arquitetura e Urbanismo, somente 40% afirmaram que possuem familiares trabalhando na área. Dos alunos que trabalham, quase todos estão trabalhando em outras áreas.

Quanto aos alunos do curso de Direito, uma boa parcela tem familiares atuando na área, o que, de certa forma, influenciou, indiretamente, na escolha.

Outro fator decisivo é que, apesar de ainda estarem no 1º ano, acreditam que o curso propicia muitas oportunidades no mercado de trabalho.

Entre os discentes do curso de Psicologia, nenhum aluno possui familiares trabalhando na área.

No curso de Pedagogia, somente 3% dos familiares atuam na área.

### **Convívio Social e Cultural**

Dentre as variáveis destacadas no convívio social e cultural, verifica-se com grande incidência, principalmente entre as mulheres, o convívio familiar.

Hoje, com toda a desestabilização social, a família ainda agrega esse convívio, como apoio para seus estudos, sua sobrevivência e destaque na sociedade e na profissão. Podemos destacar, também, que dado o estudo e o trabalho tomarem uma grande parcela de tempo de suas vidas reduzindo, ainda, as horas de repouso, algumas vezes, as condições

de saúde são precárias, há deficiência na alimentação, e o item “leitura” e “navegar” na internet é muito baixo, propiciando, assim, baixo nível cultural.

**TABELA 4 – Convívio Social e Cultural**

CURSOS FREQUÊNCIAS	ARQUITETURA E URBANISMO		DIREITO		PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%
<b>HORAS DE LAZER</b>								
Convívio Familiar	5	12,5	18	45	35	87,5	16	80
Leitura	1	2,5	8	20	-	-	2	10
Música	3	7,5	4	10	2	5	-	-
Praia	13	32,5	4	10	2	5	1	5
Internet	6	15	2	5	-	-	1	5
Prática de Esportes	12	30	1	2,5	-	-	-	-
Outros	-	-	3	7,5	1	2,5	-	-
Total	40	100	40	100	40	100	20	100

*Fonte: Alunos dos 1<sup>os</sup> anos – 2003 – UNISANTOS*

No curso de Arquitetura e Urbanismo, a preferência de lazer destaca-se, tanto em relação aos homens, quanto às mulheres, os esportes com grande afluxo, como também “curtir” praia.

Segue-se, na preferência, a música e outras alternativas. Observa-se, nesse curso, que poucos têm o hábito de leitura, o que caracteriza que nossos alunos, hoje em dia, não dão muito valor a isso.

No curso de Direito, nas horas de lazer, grande parte dos alunos, independente da faixa etária, prefere o convívio familiar, com maior destaque para as mulheres, seguida de leitura e música.

Hoje em dia, é pouco comum esse convívio familiar, porém, os alunos do Curso de Direito preconizam este item como muito importante. Na entrevista pessoal, indagados da

razão dessa aproximação familiar, responderam que hoje a família é a base, é a estrutura de um ambiente salutar. Procuram sempre estar com a família, para obterem uma boa formação.

Vê-se, hoje, que há certas mudanças nos hábitos dos estudantes, diferente de anos anteriores que havia uma desestruturação familiar muito grande.

Também no curso de Psicologia, 100% dos homens preferem, nos momentos de lazer, o convívio com a família. Já 80% das mulheres dão preferência a esse convívio e o restante fica dividido entre freqüentar a praia (12%) e ouvir música (8%).

Entre os alunos do curso de Pedagogia, também 80% dão preferência ao convívio familiar, 10% ouvir música e outros 10% navegar pela Internet.

Verifica-se, assim, que a família brasileira convive, hoje, mais entre si que a família americana ou européia.

## CAPÍTULO III

### MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS ACADÊMICAS

#### **Motivos Para a Escolha do Curso**

A escolha do curso tem fundamental importância no futuro do estudante. Muitas vezes, levados por ímpeto pessoal escolhem um curso que, mais tarde, acarreta frustração.

A transição da adolescência para a idade adulta, fase em que se encontra a maioria dos alunos universitários, exige cuidados decorrentes das atitudes e idéias do professor, condutoras de suas ações, que influem no processo de desenvolvimento da cognição e da sociedade. Por se configurar benéfica, essa influência pode possibilitar a continuidade do processo dinâmico de construção e afirmação da identidade pessoal e profissional do aluno.

Com relação às situações educativas anteriores, muitos podem ser portadores de ansiedades decorrentes de dificuldades sentidas no processo de construção do saber em determinadas disciplinas cursadas no Ensino Médio. Daí, a escolha do curso, muitas vezes torna-se difícil, embora nos quatro cursos estudados, caracterizou-se um maior índice de “preferências pessoais”.

TABELA 5 – Motivos para a Escolha do Curso

CURSOS FREQUÊNCIAS	ARQUITETURA E URBANISMO		DIREITO		PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%
<b>PRINCIPAL MOTIVO PARA A ESCOLHA DO CURSO</b>								
Preferências Pessoais	22	55	26	65	30	75	14	70
Mercado de Trabalho	10	25	7	17,5	5	12,5	4	20
Influência da Família	5	12,5	5	12,5	-	-	1	5
Orientação Vocacional	2	5	1	2,5	5	12,5	1	5
Influência do Professor	1	2,5	1	2,5	-	-	-	-
Total	40	100	40	100	40	100	20	100

*Fonte: Alunos dos 1<sup>os</sup> anos – 2003 – UNISANTOS*

Dentre os quatro cursos estudados, o principal motivo para a escolha do curso foi “preferências pessoais”.

Notamos, principalmente na faixa etária de 17 a 20 anos, que o jovem é levado mais pelo impulso que propriamente uma escolha bem definida. Para o jovem, é difícil escolher uma profissão para seguir, provavelmente pelo resto da vida. Hoje, as opções não param de crescer. Em 2003, a Fuvest – Vestibular da USP -, ofereceu 72 carreiras aos estudantes, sendo que algumas são tão novas que fica difícil saber em que áreas atuariam. “É normal que o jovem não saiba escolher porque ele ainda não se conhece direito nem sabe sobre as carreiras”, diz Leite (Revista Profissões, 2004, p. 26), psicóloga e orientadora vocacional da Colméia – ONG.

A variedade de cursos complica ainda mais, já que o estudante não tem maturidade suficiente para fazer uma escolha específica.

Para o curso de Arquitetura e Urbanismo, por exemplo, é importante que o candidato tenha dons artísticos, pois o perfil do curso exige que o profissional seja criativo, com

capacidade de inovação e versatilidade. O profissional, além de atuar em funções tradicionais, como Arquitetura de Interior, Planejamento Urbano, Paisagismo e Ambiente, Desenho Industrial, Edificações e Construção, Pesquisa e Luminotécnica e Instalações Elétricas, ultimamente está operando em organização não governamental – ONG – e, também em projetos sociais sem fins lucrativos, como a restauração de prédios históricos. Outro segmento de mercado em que é indispensável o trabalho do Arquiteto é a área de planejamento urbano. Isso se deve pela falta de infra-estrutura das cidades para combater as enchentes, congestionamentos e a grande apropriação de áreas indevidas para a habitação.

Com isso, os jovens devem levar em conta o que gostam de ler, o que observam em uma viagem, o que lhes dá prazer, o que fazem nas horas de lazer, sobre o que têm curiosidade e quais são as pessoas por quem têm admiração para tentar decidir o caminho que seguirão. Isso ajuda o aluno a definir suas prioridades e a tomar decisões.

Já o diretor do NACE Orientação Vocacional, Bock, lembra que uma decisão nunca é fácil: “Escolher qualquer coisa é sempre uma tarefa difícil para o ser humano e, por isso, a indecisão é mais do que natural”. No entanto, o melhor a fazer, é batalhar. Conhecer cada profissão, conhecer-se, definir projetos, imaginar sua vida no futuro, descobrir se a imagem que faz da carreira é mesmo verdadeira e ter noção da realidade em que vive são pontos que auxiliam muito nessa hora de escolha.

Escolher uma carreira apenas porque ela costuma pagar altos salários não é bom. Esse fator tem de estar combinado a outros, como o prazer de executar as tarefas necessárias na profissão. Talvez, pela atração a altos salários, é que a segunda opção no principal motivo para a escolha do curso, foi “o mercado de trabalho”, observado nos quatro cursos estudados.

Na hora da escolha, o perfil de cada curso é importante para definir a carreira. Referido perfil deve ser observado criteriosamente, para verificar se combina com o perfil do aluno.

Conforme publicação na “Folha de S. Paulo”, edição de 02/09/2002, o Instituto Avançado de Desenvolvimento Intelectual – IADI – acaba de lançar o Relatório de Acompanhamento do Desenvolvimento Escolar e Pessoal – RADEP. Segundo ele: “Desde que a criança entra na escola, começa-se a observar o que ela mais gosta e no que se sai melhor. Com base nessas observações, é criado um relatório de orientação.”

O acompanhamento ao longo dos anos é a melhor forma de indicar caminhos aos jovens. Segundo Dieter Kelber, diretor da RADEP, a Orientação Vocacional capta apenas o momento atual do estudante: “Com o relatório, o aluno tem seu perfil definido e pode compará-lo ao que é exigido pelas profissões”. Kelber também afirma que é possível identificar pequenas dificuldades que podem interferir na carreira profissional. Ele observa ainda que o RADEP só pode ser aplicado por meio das escolas. Outro fator importante é a ajuda que os pais podem dar. Porém, na sua concepção, “eles não devem afobar os jovens, que já são afobados. Devem fornecer elementos para a decisão. É importante orientar, mostrar os prós e os contras das profissões, mas sem autoritarismo nem pressão.”

Para os estudantes muito confusos, a Orientação Vocacional é uma boa saída.

Outro destaque, nessa pergunta do questionário está relacionado ao Mercado de Trabalho. Por incrível que pareça, muitas profissões oferecem oportunidades vantajosas no mercado de trabalho, atraindo profissionais, como veremos também em destaque em Mercado de Trabalho. No entanto, cada vez mais, o mercado de trabalho, especialmente na Baixada Santista, carece de profissionais com formação técnica sólida e de Curso Superior. E quando se fala em Baixada Santista, duas grandes vias de empregabilidade e mercado merecem destaque: o Porto de Santos e o Pólo Industrial de Cubatão. Apesar da dificuldade econômica, os setores continuam sendo os maiores geradores de negócios da região, criando renda para milhares de famílias. Por exemplo, o curso de Direito oferece infinitas opções de mercado de trabalho. Além das áreas convencionais: Cível, Criminal, Trabalhista, Previdenciária, Família e Comercial, há oportunidades promissoras no Direito Marítimo e Ambiental. O mercado precisa de Advogados, assim como de Consultores Jurídicos, Promotores, Juízes, Delegados, Diplomatas e muitos outros especialistas em diversas áreas da profissão. Observa-se que esse mercado nunca está saturado, depende apenas da dedicação do aluno.

No curso de Psicologia, a opção por “preferências pessoais” foi considerável, e, na entrevista com os alunos, observou-se que boa parte dentre os que escolheram referido curso era também para se auto-analisarem. Embora em pequena parcela, o “mercado de trabalho” influenciou, de certa forma, a escolha, principalmente para o setor Judiciário, a Área de Saúde, e o Pólo Industrial de Cubatão.

Já para o curso de Pedagogia, o destaque também foi por “preferências pessoais”, tendo em vista que muitos que procuram o curso já possuem diploma de Magistério, interessando-se, assim, pelo aperfeiçoamento. Sabem também que há carência de

professores. Conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP – publicação de “A Tribuna” (15/04/04 – pág. 4), faltam profissionais em todo o Brasil, da educação infantil ao Ensino Superior. Além da atuação nas escolas, é possível encontrar espaço em instituições públicas ou privadas, das mais variadas naturezas. Há, portanto, funções dos formados em Pedagogia, nas Secretarias de Educação, nas Delegacias de Ensino e no Ministério de Educação. O pedagogo ainda pode trabalhar em pesquisas científicas, na elaboração de livros didáticos e apostilas pedagógicas.

Pode-se, perfeitamente, observar através do gráfico, na seqüência, as “aspirações pessoais” e a necessidade da utilização da Orientação Vocacional como recurso psicológico e a inclusão no mercado de trabalho.

### **Orientação Vocacional**

A Orientação Vocacional utiliza-se de procedimentos formais ou não formais que são empregados para ajudar as pessoas a selecionarem uma ocupação profissional adequada. A avaliação de funções ou ocupações profissionais é relativamente nova. Requer uma observação cuidadosa, do que uma pessoa faz durante o seu dia de trabalho. Assim, o lar proporciona à criança seus primeiros, mas importantes e persistentes, contatos com um trabalhador. No lar, ela tem não só oportunidade de estudar “em profundidade” as profissões de seus pais, como também de compreender o significado e os resultados do trabalho em termos da vida diária da família. É óbvio, também, que os seus pais desempenharão um papel precoce e significativo ao desenvolver na criança atitudes e hábitos que conduzam ao seu desenvolvimento vocacional e posterior sucesso profissional. Portanto, já no primeiro grau é melhor iniciar o estudo das profissões através da exploração que as crianças fazem do “mundo do trabalho” de seus pais.

É só chegar aos 17 ou 18 anos e o jovem já tem de optar pelo que vai fazer pelo resto da vida. A responsabilidade é enorme, mas o desafio é igual para os que desejam cursar uma Universidade. Em entrevista, a psicóloga Kfourri (Revista Profissões, 2004, p. 23), especialista em Orientação Profissional, diz que nessa fase o adolescente geralmente sofre com pressões internas e externas, podendo, inclusive, reagir com rebeldia e questionamento. Eles não querem ser encarados como crianças, mas também, na maioria

dos casos, não têm maturidade suficiente para assumir as responsabilidades dos adultos. Para a psicóloga, o papel do profissional nesse momento não é estabelecer qual a carreira que o jovem deve seguir, mas sim, tentar direcioná-lo e dar apoio para que ele próprio encontre seu caminho. Assim, “além das mudanças físicas e emocionais que ocorrem nesta fase da vida, a necessidade de escolher a carreira gera muita ansiedade, além do medo de tomar a decisão e se preparar depois”.

Para piorar, atualmente, a escolha da profissão está cada vez mais difícil, conforme afirma a psicóloga escolar Silveira (Revista Profissões, 2004, p. 25), Orientadora Vocacional, que adverte que a falta de perspectiva de mercado e o grande número de profissões existentes geram ainda mais insegurança aos futuros profissionais. Para a psicóloga, é interessante que desde o tempo de escola o aluno já vá tentando detectar suas inclinações, para não ter que tomar a decisão às vésperas do vestibular. Para isso, não se pode ignorar que a vocação é determinada na hora da escolha. No entanto, Cunha (2003), diretora de projetos especiais, diz que os especialistas na Orientação Vocacional afirmam que a educação, a história particular de cada aluno, o ambiente social e a experiência de vida acabam dando um empurrão na escolha. Já Silveira (2003), psicóloga da UFRJ, ressalta que é preciso cuidado, principalmente com as profissões da moda ou com a influência de alguém da família que se deu bem na carreira. O que vale na verdade é a aptidão.

A sede de ingressar na Universidade aliada a possíveis pressões e à expectativa de familiares, também pode contribuir para o conflito do adolescente. Kfoury (Revista Profissões, 2004, p. 16) destaca que, quando a escolha é feita sem a avaliação dos próprios talentos, os alunos acabam frustrados e sem saber ao certo que caminho seguir. “Muitos filhos sob a influência dos pais tomam a decisão errada e acabam desistindo ou trocando de curso”.

O auto-conhecimento, por intermédio da dinâmica de grupo ou individual, além da aplicação de testes e jogos, pode ajudar o estudante a refletir sobre a importância do trabalho, sua função na sociedade e a satisfação que ele terá. Para diminuir as chances de erros na escolha, várias são as atitudes recomendadas pelos especialistas. São elas:

- ↳ Ir em busca de informações sobre as profissões nas mais diversas áreas, consultando a internet, conversando com profissionais da área;
- ↳ Conhecer as Faculdades (todas elas estão abertas para a visitação);

- ↳ Consultar Guias de Profissões;
- ↳ Buscar ajuda profissional.

Apresentamos um quadro que define em qual área o aluno pode se identificar:

**HUMANAS** é necessário ter aptidões direcionadas ao interesse da leitura e interpretação, além de habilidade para a área assistencial. Além disso, é importante a intimidade com o trabalho burocrático. Isso porque a maioria das profissões de humanas requer um trabalho metódico e rotineiro.

Entre elas estão: Direito, Administração de Empresas, Jornalismo, Publicidade, Turismo, Sociologia, Psicologia etc..

**BIOLÓGICAS** é preciso o gosto pela leitura, além da identificação por disciplinas como a Física e a Química. O assistencialismo também faz parte de profissões como Medicina, Odontologia, Medicina Veterinária, Fisioterapia, Enfermagem e Nutrição.

**EXATAS** requer estudo e habilidades de cálculo para usar em áreas como Engenharia, Ciência da Computação, Análise de Sistema etc...

Verificamos ainda que há evidências indicando que o jovem trata do problema da tomada de decisão profissional de um modo restrito e freqüentemente em desacordo com a realidade. Grande número de estudantes de segundo grau, ou matriculados em “cursinhos”, não chegam às Faculdades. Além disso, poucos jovens ingressam no mundo do trabalho com um conceito realista do que significa o emprego de tempo integral.

O programa de Orientação Educacional procura ampliar, assim, a compreensão profissional dos jovens através desses vários pontos de vista. Um dos seus objetivos é ampliar o âmbito de familiaridade com o mundo das profissões, a fim de capacitar o estudante a fazer uma escolha definitiva dentre a variedade enorme de possibilidades e de acordo com o seu potencial. Além disso, o programa também procura ampliar o conceito

de uma profissão, através da “descrição da função” até um modelo de trabalho como meio de vida.

O diretor do NACE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL , Boch (O Estado de S. Paulo, 2003, p. 6), diz que uma decisão nunca é fácil. Escolher qualquer coisa é sempre uma tarefa difícil para o ser humano e, por isso, a indecisão é mais do que natural. No entanto, o jovem não pode esperar uma resposta mágica nem ficar procurando uma vocação inata porque não é em todo mundo que ela aparece. O que é necessário é procurar conhecer cada profissão, conhecer-se, definir projetos, imaginar sua vida no futuro, descobrir se a imagem que faz da carreira é mesmo verdadeira e ter noção da realidade em que vive. São pontos que auxiliam muito nessa hora de escolha.

Escolher uma carreira apenas porque ela costuma pagar altos salários não é bom. Esse fator tem de estar combinado a outros, como o prazer de executar tarefas necessárias na profissão. No momento da dúvida, os pais também podem ajudar bastante. Mas eles não devem pressionar os jovens. Devem fornecer elementos para a decisão. É importante orientar, mostrar os prós e os contras das profissões mas sem autoritarismo nem pressão.

Para os estudantes muito confusos, a melhor solução é a Orientação Vocacional.

## **Mercado de Trabalho**

A inexistência, outrora, de cursos profissionalizantes, contribuía para que a Universidade fosse a única opção após o secundário. O “status” diferenciado conferido pela posse de um título universitário nas empresas e na sociedade e a perspectiva de melhores salários fazia dela um passaporte necessário para o ingresso na vida profissional. As funções técnicas e administrativas eram executadas pelo egresso do curso secundário e até mesmo do curso do 1º grau, ficando a formação Superior ao exercício das profissões como Medicina, Engenharia, Direito, Arquitetura etc... A concorrência, assim, pelas melhores posições e pelos cargos melhor remunerados nas diferentes empresas, era, então, baseada na obtenção de um diploma universitário, de uma escola bem conceituada e no curriculum escolar do diplomado. Porém, ao longo das últimas décadas, tal situação mudou drasticamente. Dois fatores foram responsáveis por essa mudança:

**Primeiro:** A proliferação de cursos universitários das mais diversas especialidades, com padrões de qualidade de ensino muitas vezes aquém do desejado.

**Segundo:** O crescimento das exigências por parte das empresas envolvidas em processos de reengenharia e redução dos quadros profissionais.

O baixo crescimento da economia, ocasionando desemprego, também contribuiu para um excesso de oferta de bacharéis no mercado de trabalho.

Ser formado em Curso Superior é um diferencial importante em termos salariais e ascensão profissional, mas a situação mudou: não importa tanto a titulação do curso quanto as habilidades aprendidas e as características do formando. Atualmente, o ambiente empresarial caracteriza-se por mudanças constantes e pela dificuldade de se fazer previsões. Hoje, uma empresa que administra seu negócio, como o fazia há dez ou quinze anos, já não existe mais. Não suportou o grande desenvolvimento que se vê hoje.

Exige-se dos profissionais, não mais uma profunda, exata e específica formação técnica, mas habilidades que proporcionem alto grau de adaptabilidade, reação positiva a mudanças, raciocínio lógico e estratégico e a capacidade de selecionar e processar um grande volume de informações. O perfil requisitado mudou e vê-se assim grande número de profissionais egressos dos Cursos Superiores que não exercem profissões que titulam seus bacharelados.

A rapidez das alterações tecnológicas fez, de fato, surgir em nível das empresas e dos países, a necessidade de flexibilidade qualitativa da mão-de-obra. Acompanhar as transformações tecnológicas que afetam permanentemente a natureza e a organização do trabalho tornou-se primordial. Em todos os setores, mesmo na agricultura, sente-se a necessidade de competências evolutivas como saber e com o saber-fazer mais atualizado. A formação permanente de mão-de-obra adquire, então, a dimensão de um investimento estratégico que implica a mobilização de vários tipos de atores: além dos sistemas educativos, formadores privados, empregadores e representantes dos trabalhadores estão convocados de modo especial.

Hoje, administrar, por exemplo, exige técnica e certas aptidões que não costumam ser desenvolvidos nos cursos tradicionais.

Uma formação, com destaque na comunicação, na flexibilidade, no raciocínio lógico e na capacidade crítica, vem sendo cada vez mais tratada nas Universidades americanas.

Esse tipo de formação, que já deveria estar implantado, no entanto, sofre resistência a essa inovação e à manutenção de padrões e referências tradicionais de ensino têm impedido sua implantação e desenvolvimento.

Vemos que cursos com aptidões técnicas e boa formação em informática são consideradas, dando possibilidade a empregos e vantagens competitivas no mercado de trabalho.

Apesar do clima de otimismo em relação à retomada do crescimento econômico em 2003, sentimento majoritário principalmente entre os economistas ligados ao mercado financeiro, verifica-se que o desemprego e a brutal redução nos salários nos últimos anos cresceram muito.

A dura realidade dos fatos é que o número dos profissionais brasileiros desempregados continua a aumentar e, o que é pior ainda, os salários dos que estão empregados continuam a perder poder de compra.

Hoje já não basta dominar técnicas modernas ou cálculos complicados. É preciso ter conhecimento sobre todas as áreas, espírito de liderança e habilidade nos relacionamentos.

Os profissionais de hoje precisam ser parte da empresa, apresentar alternativas dentro de sua área de atuação. A chave do sucesso é saber um pouco de tudo.

O profissional não pode mais ficar apenas fazendo o que lhe foi ensinado na Universidade. As carreiras universitárias têm sido cada vez mais utilizadas para tomar decisões. Verificamos que ir ao mercado de trabalho somente com os conhecimentos adquiridos na Faculdade não basta. A formação oferecida pelas escolas do Ensino Superior é muito superficial. Portanto, não é possível pedir aos sistemas educativos que formem mão-de-obra para empregos industriais estáveis. Trata-se, antes, de formar para a inovação pessoas capazes de evoluir, de se adaptar a um mundo em rápida mudança e capazes de dominar essas transformações.



## **Expectativas em Relação ao Curso**

Quando o estudante ingressa no Curso Superior, ele sempre acalenta um sonho de uma formação profissional excelente. Sua expectativa, sua ansiedade, muitas vezes é contagiante. Portanto, a ida à Universidade faz parte do cotidiano do aluno, assim como faz parte do cotidiano do seu professor e, como todo ato cotidiano, está sujeito a uma relação contraditória que é, ao mesmo tempo, alargamento e estreitamento, inesperado e programado, prazer e desgosto, limitação e ampliação.

Muitas vezes, suas expectativas, suas crenças, são frustradas, porque não encontram ressonância no curso que desejariam fazer. Essa crença, como alerta Grigoli (op. cit., p. 3-4) pressupõe que o aluno, por estar no Ensino Superior, já tenha atingido um nível de maturidade emocional e autonomia intelectual que dispense os cuidados do professor nos seus modos e meios, ao orientar e desenvolver o ensino.

Quanto às expectativas do curso escolhido, na Arquitetura e Urbanismo, a maioria espera ter boa formação profissional, com a esperança de que os professores se aprofundem na parte teórica e, principalmente, nas aulas práticas, pois acreditam que com boa base profissional, terão mais chance de obter sucesso após se formarem. Sabem, entretanto, que hoje o mercado de trabalho é escasso, difícil mesmo, porém não perdem as esperanças. Julgam que com uma boa formação, perseverança e profissionalismo “alcancem futuro promissor”. Embora o curso de Arquitetura tenha um perfil de formação muito bom, alguns alunos frustraram-se, talvez por estarem cursando ainda o 1º ano, mas esperam que, no decorrer do curso, esse sentimento mude.

Quanto ao curso de Direito, a maior expectativa é ter uma boa formação profissional, para seguir a carreira na área, ou seja, tão logo se formarem prestarem concurso para as carreiras de Delegado de Polícia, Juiz de Direito ou Promotor de Justiça. Com base sólida de conhecimentos, segundo eles, terão ainda boas oportunidades, pois a área tem amplo mercado de trabalho.

Entre os alunos de Psicologia, as expectativas, em relação ao curso, são as melhores possíveis. Esperam ter boa formação, gostam do que estão fazendo e esperam que o curso

lhes proporcione conhecimentos suficientes para enfrentarem as dificuldades após a conclusão do curso.

No curso de Pedagogia, observa-se que a maioria dos alunos já trabalha na área e suas expectativas são melhorar a formação para novas e melhores oportunidades de trabalho.

### **Expectativas em Relação às Disciplinas do Curso**

Quando o aluno ingressa no Curso Superior, sua expectativa quanto às disciplinas é grande. Já no meio do curso, às vezes sente-se frustrado, pois esperava encontrar disciplinas inteiramente voltadas para o curso escolhido. Não percebe ainda que certas disciplinas procuram dar uma formação geral, para depois cursar disciplinas voltadas para a área. Numa análise rápida, observamos que cabe culpa, às vezes, à estrutura do curso e outras vezes ao coordenador ou professores, que não explicam com muita ênfase a necessidade de certas disciplinas estarem inseridas no curso. Não explicam que certas disciplinas dão uma visão global para o futuro.

Hoje, o mercado de trabalho absorve profissionais ecléticos com bom conhecimento geral, e não profissionais “estanques”. É preciso assim dar uma visão geral ao aluno, principalmente, àqueles com pouca maturidade. Ter o diploma do Ensino de Nível Superior nas mãos é o primeiro passo, mas não significa sucesso profissional garantido em um cenário de competições tão acirrado como o atual. Estar sempre atualizado e capacitado para acompanhar o ritmo acelerado das mudanças tornou-se condição fundamental para manter-se competitivo no mercado de trabalho. Os cursos, portanto, devem ser estruturados de modo a possibilitar uma formação mais eclética, generalista, que possibilitem aos estudantes obterem o diploma com o grau de bacharelado ou o de licenciatura.

TABELA 6 – Expectativas em Relação às Disciplinas do Curso

CURSOS FREQUÊNCIAS	ARQUITETURA E URBANISMO		DIREITO		PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%
<b>O QUE ESPERAM DAS DISCIPLINAS DO CURSO</b>								
Conhecimentos úteis para a profissão	21	52,5	21	52,5	25	62,5	14	70
Que o curso seja mais objetivo	9	22,5	14	35	9	22,5	4	20
Não Sabe	7	17,5	3	7,5	1	2,5	1	5
Que acompanhem a realidade do mercado	3	7,5	2	5	5	12,5	1	5
Total	40	100	40	100	40	100	20	100

*Fonte: Alunos dos 1<sup>os</sup> anos – 2003 – UNISANTOS*

Os alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo esperam, em sua maioria, adquirirem conhecimentos úteis voltadas para a profissão. Esperam, ainda, que a parte teórica tenha bom embasamento para a prática, adquirindo assim experiências grandiosas para sua formação. Apontam ainda que deveriam modificar a grade curricular, eliminando certas disciplinas e acrescentando outras, mais objetivas para o curso.

No curso de Direito, além da expectativa de que as disciplinas possibilitem conhecimentos úteis à profissão, esperam também adquirir bons conhecimentos para poderem prestar concursos públicos com bastante segurança.

Da mesma forma, os alunos do curso de Psicologia esperam que as disciplinas ministradas superem a expectativa, preparando para um futuro promissor na profissão. Gostariam de que o curso fosse mais objetivo, com aulas práticas, proporcionando maior interesse dos discentes.

Já no curso de Pedagogia, a maioria espera que as disciplinas tragam conhecimentos úteis à profissão e alegam que estão satisfeitos.

Observa-se, no gráfico, toda a “expectativa em relação às disciplinas”.



## Grau de Satisfação com o Curso

Apesar de certos alunos não gostarem de algumas disciplinas, é visível o grau de satisfação pelo curso. É importante destacar que referida satisfação vem da escolha do curso com bom índice, como foi comentado anteriormente, quando se evidenciou a escolha como “preferências pessoais”. Nota-se que boa parte dos alunos não sofreram influência na escolha, o que faz assinalar o alto grau de satisfação pelo curso. No entanto, o que é preciso é procurar manter o elevado grau de satisfação, por parte da coordenação e principalmente por parte dos professores. Há de se estimular e acompanhar o aluno, para que não haja frustrações. É necessária, pois, a articulação externa do projeto pedagógico dos cursos, sempre dinâmico e se modificando no tempo. Daí, a necessidade de atualizações perenes. Preparar o aluno apenas operacionalmente para a conjuntura atual em que deve atuar pode não ser suficiente para a sua vivência e convivência no mundo do trabalho, na perspectiva do futuro (Teichler, 1996, p. 109).

TABELA 7 – Satisfação em Relação ao Curso

CURSOS FREQUÊNCIAS	ARQUITETURA E URBANISMO		DIREITO		PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%
<b>GRAU DE SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO AO CURSO</b>								
Satisfeito	31	77,5	40	100	31	77,5	15	75
Insatisfeito	6	15	-	-	-	-	-	-
Parcialmente Satisfeito	3	7,5	-	-	9	22,5	5	25
Total	40	100	40	100	40	100	20	100

*Fonte: Alunos dos 1<sup>os</sup> anos – 2003 – UNISANTOS*

Grande parte dos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo se sente satisfeita, pois alegam, conforme entrevista, que é o que realmente aspiravam. Eles afirmam que percebem o interesse dos professores que se dedicam e buscam despertar no aluno um

espírito profissional. Outro aspecto da satisfação em relação ao curso é que algumas disciplinas despertam muito interesse.

No curso de Direito, a satisfação, tanto entre os homens, como entre as mulheres, é total. Apontam como fator preponderante a atuação e a dedicação dos professores, embora alguns apresentem altos e baixos. Outro fator está relacionado às disciplinas básicas que julgam importantes para a formação de conhecimento e para a profissão.

No curso de Psicologia, o índice de satisfação também é alto, atingindo coeficiente de 77,5% e 22,5% de parcialmente satisfeitos. Nesse grupo de insatisfeitos, apontam algumas disciplinas desnecessárias e alguns professores, não satisfazendo os anseios dos alunos.

No curso de Pedagogia, a satisfação em relação ao curso também tem índice bom em razão do plano de Ensino apresentar excelente programação e ter no quadro professores de excelente didática e conhecimento. Poucos são os que têm satisfação parcial.

### **Atitudes dos Professores Perante a Classe**

No seu cotidiano, muitos professores do Ensino Superior deixam, não raro, de refletir com criatividade sobre os recursos e não oferecem o atendimento singularizado, porque seus métodos de ensino tornaram-se estandardizados. Esses professores podem conduzir o aluno aos aspectos mais amplos do conhecimento e às articulações entre conhecimentos, mas acabam privilegiando os conhecimentos singulares e fragmentados. Assim, a educação, no cotidiano, é então configurada como burocrática, na maioria das vezes, mesmo que os professores pensem o contrário. Embora admitindo teoricamente motivos que interfiram no processo de aprendizagem, esses professores não modificam a forma de agir. Assim, muitas vezes, permanecem as barreiras que reforçam a distância e a falta de interação entre aluno-professor-conhecimento.

É preciso, portanto, e é de suma importância, a atualização do professor no domínio da ciência e da própria ação docente, para que não haja a falta de interação aluno-professor-conhecimento, e a insatisfação de alguns alunos, como veremos a seguir.

TABELA 8 – Atitudes dos Professores Perante a Classe

CURSOS FREQUÊNCIAS	ARQUITETURA E URBANISMO		DIREITO		PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%
<b>O QUE PENSA DAS ATITUDES DOS PROFESSORES PERANTE A CLASSE</b>								
Altos e baixos	12	30	17	42,5	3	7,5	-	-
Boa didática	15	37,5	10	25	20	50	20	100
Mantém disciplina	5	12,5	7	17,5	7	17,5	-	-
Não mantém disciplina	3	7,5	3	7,5	4	10	-	-
Mantém diálogo	3	7,5	1	2,5	3	7,5	-	-
Não mantém diálogo	2	5	1	2,5	3	7,5	-	-
É mau humorado	-	-	1	2,5	-	-	-	-
Total	40	100	40	100	40	100	20	100

*Fonte: Alunos dos 1<sup>os</sup> anos – 2003 – UNISANTOS*

Nesse item, consideramos apenas o que cada aluno classificou como a característica principal de seu grupo de professores. No curso de Arquitetura e Urbanismo, observamos que os alunos classificaram seus professores com boa didática (37,5%) seguido de altos e baixos (30%), devido às inconstâncias de alguns professores.

No curso de Direito, os alunos apontam os professores, em sua maioria (42,5%), com atitudes de altos e baixos, levando em conta que são advogados, juízes e promotores, que ministram as aulas, sem formação didática, isto é, não são professores propriamente. Alegam, porém, que alguns suprem essas dificuldades com dedicação e grande segurança no conhecimento da matéria lecionada. Muitos dos professores participam, para se reciclarem, de Seminários e Congressos em Educação, procurando aprimorar a didática.

No curso de Psicologia, a maioria aponta quase todos os professores com boa didática (50%), desenvolvendo bem o programa traçado e mantendo boa disciplina. Isso desperta maior interesse por parte dos alunos, que se aplicam mais aos estudos.

No curso de Pedagogia, é unânime a boa didática (100%) por parte dos professores, o que demonstra o grau de satisfação pelo curso. Todos os professores têm formação Pedagógica reforçando, assim, o elevado conceito do curso.

### **Os Professores Transmitem Ideais?**

Sabemos que as soluções dos problemas conjunturais que envolvem a educação brasileira terão de passar, necessariamente, por mudanças na estrutura. Essas mudanças também devem ser balizadas em referentes concretos, tais como aqueles que podem nos apontar as potencialidades do professor, no seu trabalho com as novas gerações, em termos de capacidade para transformar.

O pensar, o agir, o sentir e o ser com responsabilidade pressupõem que o professor propicie aos alunos os recursos e as habilidades investigativas que lhes possibilitem ver, de modo aguçado, para compreender, sentir, entender e interpretar o mundo concreto em suas diferentes manifestações. É importante, assim, que o professor acompanhe mais de perto os alunos, incentivando-os, alentando-os, para que no futuro sejam bons profissionais.

No entanto, professores de disciplinas de áreas profissionalizantes, quase sempre, atrelam ao seu sucesso profissional a suposição de uma competência didática que emanaria desses conhecimentos da prática profissional. Acreditam, mesmo, que a posse dos conhecimentos que precisam ser transmitidos é suficiente para que sejam despertados nos alunos as idéias, as representações e os conceitos equivalentes aos seus, esquecendo-se do caminho da atividade construtiva do aluno e dos problemas de comunicação. O professor não pode, assim, atuar como um simples técnico ou especialista, excluindo ou não considerando os envolvimento e as repercussões psicológicas, sociais e humanas nas ações docentes. É necessário que o professor do Ensino Superior chegue mais perto do aluno.

TABELA 9 – Ideais Transmitidos pelos Professores

CURSOS FREQUÊNCIAS	ARQUITETURA E URBANISMO		DIREITO		PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%
<b>IDEAIS TRANSMITIDOS PELOS PROFESSORES</b>								
Incentivadores	29	72,5	19	47,5	26	65	11	35
Neutros	5	12,5	12	30	12	30	9	45
Alentadores	3	7,5	7	17,5	1	2,5	-	-
Pessimistas	3	7,5	2	2,5	1	2,5	-	-
Total	40	100	40	100	40	100	20	100

*Fonte: Alunos dos 1<sup>os</sup> anos – 2003 – UNISANTOS*

No curso de Arquitetura e Urbanismo, os professores foram considerados pela maioria dos estudantes como incentivadores, não faltando, assim, incentivo para que fizessem um bom curso. Se houvesse percalços na vida universitária, procurariam resolvê-los e, se preciso, procurariam os professores.

Os alunos desse curso, conforme observação anterior, analisam os professores como de elevado conhecimento e dedicação. Observam ainda que o professor hoje acompanha os alunos em todas as suas tarefas, não se mantendo, assim, longe dos mesmos.

Hoje, outrossim, o professor deve privilegiar a aprendizagem que tenha significado para a vida do aluno e que nasça de sua realidade e ainda que, no processo de construção do conhecimento, haja muito diálogo como elemento básico de interdisciplinaridade.

Como diz o pedagogo Constantino (Gazeta de Cuiabá-MT, 2002, p. 5), professor efetivo do CEFET-MT, as ações didático-pedagógicas devem levar os alunos à participação efetiva, democrática, autônoma e flexível, pois o mundo do trabalho requer atualmente profissionais críticos, cooperativos, solidários, criativos, responsáveis e comprometidos. O educador deve pregar esses valores vivenciando-os.

Diversamente do curso de Arquitetura, no curso de Direito, os alunos classificaram que os ideais transmitidos aos alunos pelos professores, são, na sua maioria, incentivadores

(47,5%). Entretanto, outra parcela (30%) são neutros e (17,5%) são alentadores, e segundo eles os professores procuram motivar os alunos nas mais diversas áreas do Direito. Para incentivá-los, os professores trazem advogados, juízes, das mais diversas especialidades para proferirem palestras.

No curso de Psicologia, a grande parcela dos alunos apontam os professores como grande incentivadores (65%). Apontam que a profissão é importante, e que o “tabu” que antigamente era preconizado, hoje já não mais existe. Analisam a profissão como promissora e, segundo eles, há uma série de opções no mercado de trabalho.

No curso de Pedagogia, todos os professores são incentivadores (65%) e alentadores (30%). Em quase todas as aulas procuram dar incentivo e alento, mostrando a importância do Pedagogo, no mundo moderno. Observa-se, hoje, que dada a grande importância que se tem atribuído ao curso de Pedagogia muitos formados estão se reciclando para se aprimorarem.

### **Questionário Aplicado aos Professores (Anexo II)**

Foi elaborado um questionário aos professores, a fim de avaliar a conduta do aluno, meios que o professor utiliza em sala de aula e sua própria participação na formação do aluno. Referido questionário está inserido no anexo.

A partir das respostas dos professores, verifica-se que os alunos são ativamente participantes no processo de aprendizagem. As interações, para os professores que responderam ao questionário, constituem os meios que incidem sobre o aluno, estimulando a sua atividade cognitiva individual, possibilitando assim a aprendizagem.

Nas respostas, questão 1, o professor “1” considera que há interesse crescente por parte do aluno, tornando-se mais atento. Já o professor “3” cita que o aluno faz mais questionamentos, pois faz seminários e debates.

Na questão 2, o professor “3” busca orientar os mais fracos, indicando bibliografia de apoio, e para os mais fortes solicita que realizem trabalhos para elevar o nível da turma e apoiarem os demais. O professor “5” procura respeitar e identificar as características cognitivas de cada um.

Questão 5, por exemplo, o professor “1” afirma: “Nenhuma pesquisa tem estalo de Vieira. Há sempre o indagar do senso comum, que precisa de um tratamento científico.” E o professor “5” viabiliza, através de bibliografia complementar, que o aluno complemente o seu conhecimento e gerencie as suas dúvidas, de forma a resolvê-las de uma maneira autônoma.

Novos conhecimentos podem trazer estímulo para pesquisa. Em relação ao despertar o interesse dos alunos, relativo à questão “6”, o professor “4” enfatiza, problematizando o tema do conteúdo abordado: efetua pesquisa, trabalho em campo, entrevistas com pessoas envolvidas com a problemática do conteúdo. No contexto geral das respostas, compreenderia, um processo ativo de soluções de problemas de trabalho em equipe e de criatividade.

Kenski (1991, p. 142), diz:

O professor precisa ter a preocupação de, no decorrer do processo, utilizar diferentes meios através dos quais os alunos tenham oportunidade de demonstrar o seu aprendizado, as relações que vêm estabelecendo entre o novo conhecimento e as aprendizagens anteriores, e as relações que fazem entre o conteúdo aprendido e a realizada histórico-concreta em que se situam. Para isso deve o professor propor a execução de diferentes atividades pelos alunos, elaboradas em grupos ou individualmente, como a realização de experimentos, elaboração de projetos, participação em discussões, etc...

A seguir apresentamos as respostas das 7 (sete) questões respondidas por cinco professores de diferentes áreas.

**Questão 1 Através de quais características da conduta do aluno você percebe diferenciações no seu aproveitamento escolar?**

**Profº 1:** *Há interesse crescente por parte do aluno. - Torna-se mais atento.*

**Profº 2:** *Formação do Ensino Médio. – Dedicção – Atenção maior do aluno.*

**Profº 3:** *Questionamento em sala de aula. – Participação em debates e seminários.*

**Profº 4:** *Conversa em sala de aula. – Muita infrequência.*

**Profº 5:** *O questionamento em sala de aula, principalmente no tipo de pergunta. – A postura em relação à disciplina e assiduidade.*

**Questão 2** Você conduz, durante a aula as diferenças de ritmo de aprendizagem entre os alunos?

**Profº 1:** *De todos, particularmente, é impossível. Principalmente, se a classe for numerosa. Quem dirige o ritmo é bem mais o todo da classe.*

**Profº 2:** *Atenções diferentes sim, ritmos diferentes não.*

**Profº 3:** *Sim, busco orientar os mais “fracos”, indicar bibliografia de apoio, e para os mais “fortes” solicito que realizem trabalhos para elevar o nível da turma e apoiarem os demais.*

**Profº 4:** *Conforme a situação da classe há necessidade de trabalhar com os diferentes ritmos – (não é fácil).*

**Profº 5:** *Sim, procuro respeitar e identificar as características cognitivas de cada aluno.*

**Questão 3** No contexto da sala de aula, como você percebe influência das relações interpessoais no aprendizado dos alunos?

**Profº 1:** *Na maneira de se olharem e pelo pronto revidar quando o antagônico pergunta. Além, pode-se considerar o mutismo, um silêncio denunciador da falta de amizades.*

**Profº 2:** *Tem muito a ver.  
Boa companhia → Bons resultados.  
Má companhia → Maus resultados.*

**Profº 3:** *Sinto que há uma “solidariedade”: os mais fortes apóiam e incentivam os mais fracos; promovem “grupos de estudos” e buscam dividir as tarefas.*

**Profº 4:** *O aluno e o professor, na relação de ensino e aprendizagem desenvolvem um sentido para o trabalho em conjunto. “Quem não se envolve não se desenvolve”.*

**Profº 5:** *Através do fato de comunicar-se com bastante desenvoltura com o jovem, respeitando os limites, mas derrubando certas formalidades, que mais afastam os alunos do que aproxima-os. Com isso, as aulas ficam mais participativas.*

**Questão 4** Qual(is) o(s) recurso(s) que você utiliza para incentivar no aluno o desenvolvimento do senso crítico, direcionado aos conteúdos tratados em aula?

**Profº 1:** *Fazendo perguntas objetivas e depois questionando com exemplos de outras teorias.*

**Profº 2:** *a) o próprio exemplo  
b) destaques de controvérsias  
c) acenos com futuros profissionais.*

**Profº 3:** *Basicamente com leituras, fichamentos e seminários. Como essas tarefas são avaliativas e juntamente com as provas escritas, procuro fazer os alunos se posicionarem criticamente.*

**Profº 4:** *Textos alternativos com o conteúdo da disciplina.*

**Profº 5:** *A parte investigativa é estimulada através das aulas experimentais, práticas de pesquisas, e indução de forma gradativa, respeitando os limites, em trabalho interdisciplinares de iniciação científica.*

**Questão 5** Você orienta o aluno no sentido de que o conhecimento do senso comum pode constituir fonte de pesquisa? De que maneira?

**Profº 1:** *Afirmo: “Nenhuma pesquisa tem estalo de Vieira. Há sempre o indagador do senso comum, que precisa de um tratamento científico.”*

**Profº 2:** *Não!  
O assunto é tratado de um modo acidental.*

**Profº 3:** *Sim, valoriza a observação e a descrição como primeiro passo da análise.*

**Profº 4:** *“Sempre”.  
Explicando cada trabalho de pesquisa e mostrando as diferenças entre o conhecimento do senso comum e conhecimento científico.*

**Profº 5:** *O estímulo através de bibliografia complementar, que o aluno complemente o seu conhecimento e gerencie as suas dúvidas, de forma a resolvê-las de uma maneira autônoma. Novos conhecimentos, podem trazer estímulo para pesquisa.*

**Questão 6 Durante a evolução do curso, como você desperta novos interesses dos alunos?**

**Profº 1:** *Mostrando que todo conhecimento se dirige para o homem. Procura o seu bem estar físico ou psicológico. Persegue a qualidade de vida.*

**Profº 2:** *a) Mostrando amor pelo que se faz.  
b) Dando exemplo.*

**Profº 3:** *Busco abordar temas atuais, relacionando-os com os conteúdos programáticos e peço aos alunos para pesquisarem.*

**Profº 4:** *“Sim” → problematizando o tema do conteúdo abordado:*

*1 – pesquisa*

*2 – trabalho em campo*

*3 – entrevistas com pessoas envolvidas com a problemática (problematização) do conteúdo.*

**Profº 5:** *Através de leitura comum, nos meios de comunicação e programas científicos, complemento este, com pontuação em seminários e visitas técnicas. Procuro que eles, através de leitura comum, relacionem o aprendizado de aula com o cotidiano.*

**Questão 7 Como você analisa a sua participação na formação do aluno como cidadão e profissional consciente?**

**Profº 1:** *Pela honestidade e convicção do que ensino.*

**Profº 2:** *Fundamental.*

**Profº 3:** *Creio que o professor deva ser um “modelo” no qual os alunos se espelham, por isso sua conduta deve ser equilibrada e ética.*

**Profº 4:** *1 – O aluno precisa ter o conhecimento científico sobre todos os conteúdos.  
2 – O professor amplia a cognição do aluno em relação ao conteúdo (artigos, textos, vídeos, palestras) para desenvolver uma reflexão crítica.  
3 – Acredito, em minha análise, que esta participação na formação do aluno existe, mas o professor precisa estar sempre refletindo.*

**Profº 5:** *Através de minha conduta profissional e ética, orientando-os a participarem e estarem atentos às conjunturas sócio-econômicas do novo mundo globalizado.*

## CAPÍTULO IV

### EXPECTATIVAS SOCIAIS E ECONÔMICAS

#### Percepção do Futuro no Contexto da Sociedade

A transição da adolescência para a idade adulta, fase em que se encontra a maioria dos alunos universitários, exige cuidados decorrentes das atitudes e ideais do professor, condutoras de suas ações, que influem no processo de desenvolvimento da cognição e da socialização. Por se configurar benéfica, essa influência pode possibilitar a continuidade do processo dinâmico de construção e afirmação da identidade pessoal e profissional do aluno.

Quem está perto de terminar o Ensino Médio conhece bem a situação: quanto mais se aproxima a hora de cursar uma Faculdade, mais forte é a pressão a que os jovens são submetidos para optar por uma carreira, diante das alternativas existentes. É um período de muita angústia e ansiedade, no qual a preocupação com o vestibular, pelo menos com a maioria das pessoas, está também associada ao tormento das dúvidas. E o fato é que não existe uma regra que possa ser aplicada para mudar isso. É a hora de dar o passo decisivo que vai influenciar em todos os outros aspectos da vida futura, incluindo a realização pessoal, o universo de trabalho, o círculo de amigos e até mesmo a vida íntima. O primeiro passo para uma escolha profissional mais segura e consciente é refletir a respeito de si mesmo, porque o auto-conhecimento levará o indivíduo a descobrir suas potencialidades.

O aluno, ao ingressar no Ensino Superior, está na fase mais crítica de sua formação, tanto no que respeita às questões de suas formas de inserção na vida social e profissional, como no que se refere à sua identidade pessoal em face do mundo que o cerca. É importante assim que o professor o oriente, o estimule para que tenha um futuro brilhante no contexto da sociedade. A relação face a face professor-aluno adquire, pois, capital importância formativa, vez que, informação apenas, pode-se obter de muitas fontes.

TABELA 10 – Percepção do Futuro no Contexto da Sociedade

CURSOS FREQUÊNCIAS	ARQUITETURA E URBANISMO		DIREITO		PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%
<b>COMO VOCÊ PERCEBE O SEU FUTURO NO CONTEXTO DA SOCIEDADE?</b>								
Acredito em muitas dificuldades	21	52,5	21	52,5	31	77,5	10	50
Ainda não avaliei	9	22,5	10	25	5	12,5	3	15
Terei ajuda da família	8	20	6	15	3	7,5	4	20
Futuro promissor	2	5	3	7,5	1	2,5	3	15
Total	40	100	40	100	40	100	20	100

*Fonte: Alunos dos 1<sup>os</sup> anos – 2003 – UNISANTOS*

No curso de Arquitetura e Urbanismo, a maioria acredita que enfrentará muitas dificuldades depois de formados, dada a situação sócio-econômica que o país atravessa. Julgam ainda que os exemplos que vêm de amigos e parentes, que já se formaram, estão trabalhando em áreas diferentes do curso. Outros não pararam para pensar e outros esperam receber ajuda da família.

Observa-se que, após entrevista com alguns alunos, alguns são de classe média baixa e média, com poucos recursos para enfrentarem as despesas do curso. Muitas vezes recebem ajuda da família, bolsa de estudo e alguns trabalhos extras, como vendas de guloseimas, trabalho de digitação e vendas de bijuterias. No entanto, sentem-se otimistas, obstinados, e querem a todo custo ter formação Superior.

Da mesma forma os alunos do curso de Direito, em sua maioria, acreditam que haverá sérias dificuldades em seu futuro, principalmente na Baixada Santista, por ter cinco Faculdades de Direito, formando assim um número elevado de advogados. Já os alunos da faixa de 17 a 23 anos afirmam que terão ajuda da família.

No curso de Psicologia, quase a totalidade, 77,5%, acreditam que terão dificuldades no futuro. Esperam, entretanto, superar todas as dificuldades com bastante otimismo e tenacidade. Poucos receberão ajuda da família. No curso de Pedagogia, do mesmo modo,

acreditam que haverá muitas dificuldades, embora muitas já trabalhem na área do curso. As de faixa etária mais baixa, 17 a 23 anos, terão ajuda da família.

### **Opções do Mercado de Trabalho**

O ensino para a formação profissional nos cursos de graduação ocorre mediante um processo, cujas disciplinas específicas trabalham, de modo articulado, tanto no aspecto teórico-acadêmico, quanto conteúdos de dimensão prático-profissional, sendo o objeto de sua atividade prática a natureza, a sociedade ou os homens concretos (VASQUES, 1977, p. 194). Isso pressupõe que o aluno do Curso Superior, além da aprendizagem dos conteúdos essenciais, desenvolve tanto um repertório de atitudes e habilidades condizentes com o seu papel de cidadão e com o exercício profissional qualificado, quanto valores humanitários que o guiam. Dentro desse aspecto, são inúmeras as opções que o aluno tem, quando da sua formação. É necessário, no entanto, mostrar a eles todas as possíveis opções em cada curso, orientando-os, além de procurar mostrar-lhes a melhor opção, traçando um perfil do curso desejado. Assim, os indivíduos, com seus projetos vivenciados subjetivamente, devem ser levados a pensar e agir em consonância com o objetivo social maior da qualidade de vida que constrói o cidadão, transcendendo os valores materiais de vida. Tem-se, com isso, que, além de úteis à sociedade, desempenham, também, o papel de sujeito histórico, construindo valores que se projetarão na cultura e no saber.

## Curso de Arquitetura e Urbanismo

**TABELA 11 – Opções do Mercado de Trabalho**

<b>OPÇÕES OFERECIDAS PELO MERCADO DE TRABALHO</b>		
	<b>F</b>	<b>F%</b>
Paisagismo	<b>23</b>	<b>57,5</b>
Designer	<b>8</b>	<b>20</b>
Urbanismo	<b>6</b>	<b>15</b>
Construções	<b>3</b>	<b>7,5</b>
<b>TOTAL</b>	<b>40</b>	<b>100</b>

*Fonte: Alunos do 1º ano – Arquitetura e Urbanismo - 2003 – UNISANTOS*

## Curso de Direito

**TABELA 12 – Opções do Mercado de Trabalho**

<b>OPÇÕES OFERECIDAS PELO MERCADO DE TRABALHO</b>		
	<b>F</b>	<b>F%</b>
Delegado de Polícia	<b>15</b>	<b>37,5</b>
Juiz de Direito	<b>13</b>	<b>32,5</b>
Promotor de Justiça	<b>7</b>	<b>17,5</b>
Advogado	<b>5</b>	<b>12,5</b>
<b>TOTAL</b>	<b>40</b>	<b>100</b>

*Fonte: Alunos do 1º ano – Direito - 2003 – UNISANTOS*

## Curso de Psicologia

**TABELA 13 – Opções do Mercado de Trabalho**

<b>OPÇÕES OFERECIDAS PELO MERCADO DE TRABALHO</b>		
	<b>F</b>	<b>F%</b>
Judiciário	<b>16</b>	<b>40</b>
Clínica	<b>13</b>	<b>32,5</b>
Hospital	<b>7</b>	<b>17,5</b>
Recursos Humanos	<b>4</b>	<b>10</b>
<b>TOTAL</b>	<b>40</b>	<b>100</b>

*Fonte: Alunos do 1º ano – Psicologia - 2003 – UNISANTOS*

## Curso de Pedagogia

**TABELA 14 – Opções do Mercado de Trabalho**

<b>OPÇÕES OFERECIDAS PELO MERCADO DE TRABALHO</b>		
	<b>F</b>	<b>F%</b>
Magistério Ensino Superior	<b>9</b>	<b>45</b>
Magistério Ensino Médio	<b>6</b>	<b>30</b>
Magistério Ensino Infantil	<b>3</b>	<b>15</b>
Direção de Escola	<b>2</b>	<b>10</b>
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

*Fonte: Alunos do 1º ano – Pedagogia - 2003 – UNISANTOS*

Na pergunta sobre opções, oferecidas pelo mercado de trabalho, foi solicitado que respondessem até 4 opções, e a mais respondida pelos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo foi paisagismo, seguida de designer, opção essa muita em moda nos dias de hoje. Outra opção escolhida foi “urbanismo”.

Devo acrescentar que, em entrevista, o Arquiteto e Secretário de Coordenação da UNISANTOS, Henrique Noé de Almeida, afirma que paisagismo divide-se em dois setores: pequeno e magna. Pequeno paisagismo refere-se à estruturação de jardins de residências, condomínios, empresas, vias públicas, praças, em torno da cidade; magna, de parques, bosques, reflorestamento e também está ligado a urbanismo.

A outra opção – designer – refere-se a projetos mobiliários de residências, empresas comerciais e indústrias, projeto de confecção têxtil, equipamentos urbanos, como por exemplo, iluminação adequada nos centros urbanos; designer de objetos, como cadeiras, xícaras e etc. Quanto ao urbanismo, o Arquiteto planeja praças, vias públicas e toda a malha urbana. Planeja ainda engenharia de tráfico para o bom fluxo da malha viária. Segundo alega, ainda, o mercado de trabalho é bom, desde que o aluno se dedique com afinco aos estudos e execute constantes pesquisas.

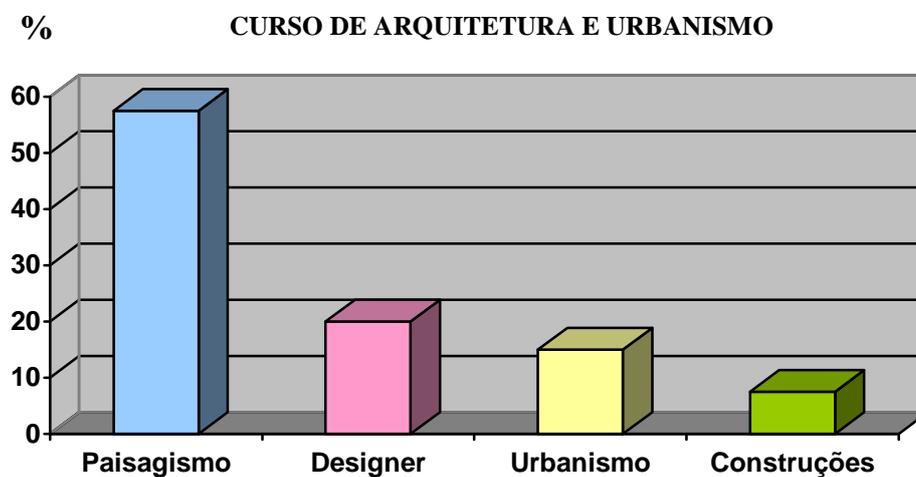
No curso de Direito, os alunos da faixa etária de 17 a 20 anos conhecem pouco do mercado de trabalho, sendo que os de faixa etária de 21 anos em diante conhecem o mercado de trabalho e o perfil do curso, pois se sentem já inseridos nele e já sabem o que querem. Nas quatro opções apontadas, boa parte prefere a carreira de Delegado de Polícia, seguida de Juiz e Promotor de Justiça. Poucos optaram pela carreira de advogado.

Os alunos do curso de Psicologia têm vago conhecimento do que o mercado de trabalho pode oferecer. Apenas conhecem a montagem de uma clínica psicológica. Julgam que, durante o curso, podem discernir melhor a escolha e que já ouviram falar que trabalhar no Judiciário é uma das boas opções como também em hospitais. Sabem que apesar das escolas, tanto particulares como públicas, exigirem a presença de um psicólogo é meio utópico, pois referidas escolas não mantêm esses profissionais. A minoria indicou, como opção, o trabalho nas indústrias e empresas de grande porte, no Departamento de Recursos Humanos. Entretanto, a maioria optou como opção, o trabalho no Judiciário (emprego garantido) e clínica.

A maioria das alunas do curso de Pedagogia apontou, como opção principal, o Magistério no Curso Superior, um sonho acalentado há muito tempo. Como segunda opção, o Magistério no curso do Ensino Médio, seguido de Escola Infantil e ser Diretora de Escola, principalmente, da rede pública.

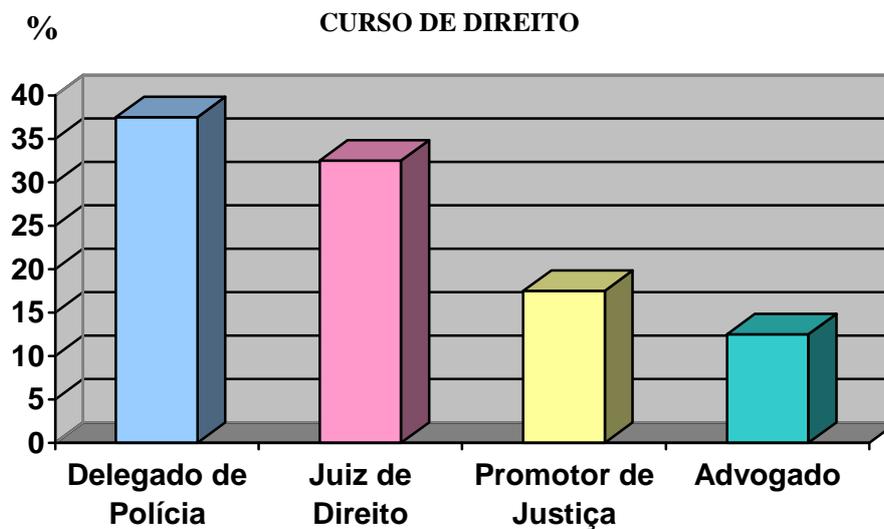
Apresentamos, a seguir, os gráficos relativos às opções do mercado acima descrito.

### DISTRIBUIÇÃO DE PERCENTAGEM DAS OPÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO



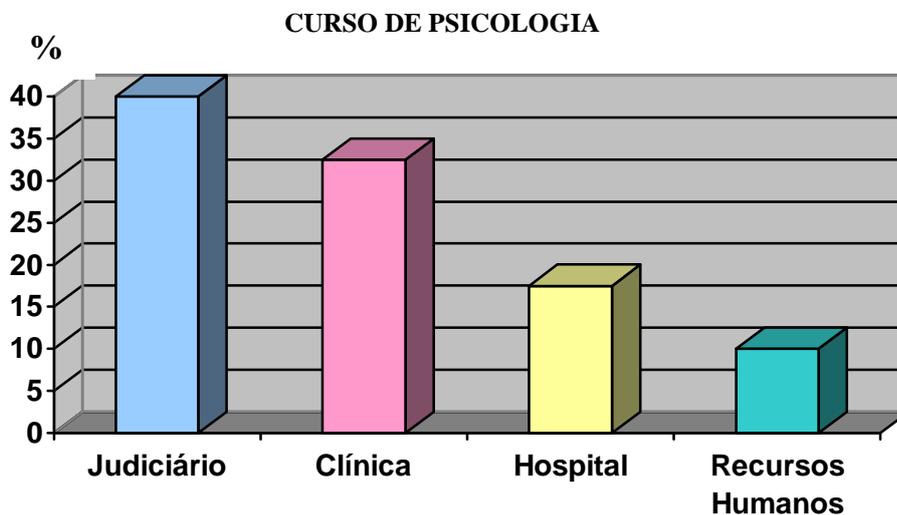
*Fonte: Alunos do 1º ano – Arquitetura e Urbanismo - UNISANTOS*

### DISTRIBUIÇÃO DE PERCENTAGEM DAS OPÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO



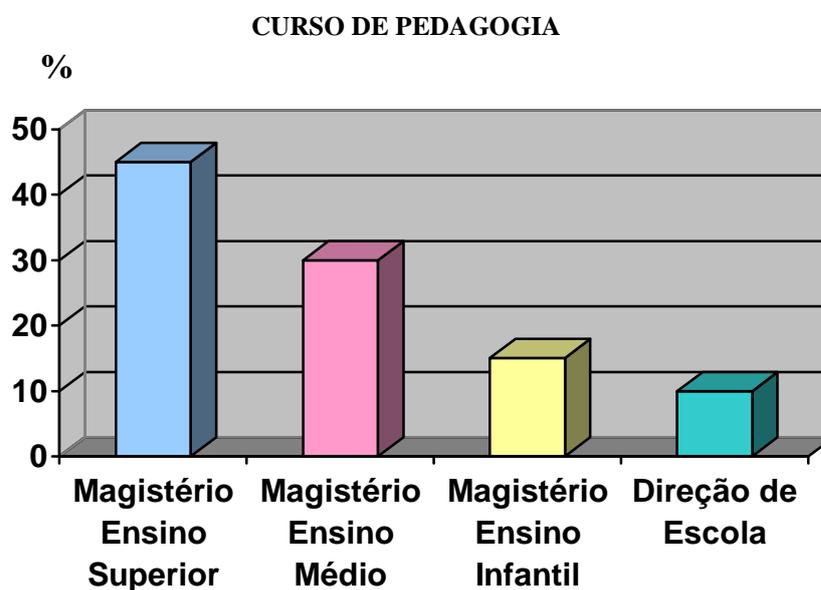
Fonte: Alunos do 1º ano – Direito - UNISANTOS

### DISTRIBUIÇÃO DE PERCENTAGEM DAS OPÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO



Fonte: Alunos do 1º ano – Psicologia - UNISANTOS

## DISTRIBUIÇÃO DE PERCENTAGEM DAS OPÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO



*Fonte: Alunos do 1º ano – Pedagogia - UNISANTOS*

### Investimento Financeiro Necessário para Exercer a Profissão

Há sempre uma expectativa, por parte dos alunos, no que se refere ao investimento financeiro que terão após a conclusão do curso. Não formam ainda um quadro de custos que terão de investir mesmo porque há uma esperança de já começarem a profissão trabalhando numa empresa, numa escola ou em um órgão público. Pretendem, inicialmente, prestar concurso público para, talvez, seguir a própria carreira. No entanto, ouvimos os alunos dos quatro cursos cujos comentários apresentamos a seguir.

Os alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo não têm muita noção do investimento necessário. No entanto, julgam que o indispensável é montarem um “atelier” com acessórios próprios do curso, inclusive, um conjunto completo de computador com impressora a laser, scanner e demais acessórios. Ainda não tinham como avaliar o importe financeiro.

A quase totalidade do curso de Direito desconhece o investimento financeiro, após se formarem. Porém, de momento, sabem que é a mensalidade e livros, que, aliás, são de alto valor.

Outros arriscam apontar que, para ser um bom profissional, é necessário investir em um bem aparelhado escritório com toda a aparelhagem de informática, mas desconhecem o valor do investimento.

Também no curso de Psicologia, os alunos desconhecem o investimento financeiro necessário. Apontam, porém, que é importante montar uma boa clínica, bem apresentada, e que isto deveria ter um custo razoável. Outros, porém, alegam que pretendem trabalhar em escolas e indústrias ou no judiciário, o que não traria investimento.

Os alunos do curso de Pedagogia não avaliam o investimento necessário para o exercício profissional, mas as que já atuam na área sabem que é necessário investir em livros, cursos e participação em seminários, congressos, implicando, portanto, investimento.

## CONCLUSÃO E SUGESTÕES

A presente dissertação relata uma análise sobre os possíveis fatores didático-pedagógicos e sócio-econômicos que interferem nas aspirações dos alunos do 1º ano do Ensino Superior, pesquisa essa efetuada na Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), com início em abril de 2003.

Adotou-se um modelo de análise com variáveis didático-pedagógicas e sócio-econômicas que serviram de parâmetro para compreensão e avaliação da relação dessas variáveis com as suas aspirações e conseqüente evasão escolar.

Em referência às variáveis didático-pedagógicas apresentadas na primeira hipótese, verificou-se que algumas delas têm maior grau de interferência nas aspirações, dentre as quais merecem destaque:

- falta de integração das disciplinas;
- plano de ensino deficiente;
- falta de base para continuar os estudos.

Na segunda hipótese, trata da influência dos fatores sócio-econômicos sobre suas aspirações, tendo sido observados como fatores relevantes o que segue:

- custo elevado das mensalidades;
- trabalho do aluno;
- ajuda na renda familiar;
- falta de tempo para estudo;
- baixo nível sócio-econômico;
- deficiência de alimentação.

Esses fatores estão relacionados entre si e têm grande influência no objeto estudado, pois o aluno de baixo nível sócio-econômico tem dificuldade na alimentação, trabalha porque precisa ajudar na renda familiar e, conseqüentemente, trabalhando, fica sem tempo para estudar.

Segundo Freitag (1978, cap. 3),

Vivemos, no Brasil, uma contradição fundamental na educação escolar: a legislação do ensino exhibe proposições de caráter liberal e assim o proclamam os grandes educadores, sem que tal se concretize no contexto prático. Este ressent-se das tradições aristocratizantes do passado. Por outra parte, a política educacional brasileira parece preocupada antes em utilizar maximamente os recursos do que em produzir novas fontes, vale dizer, aparenta uma preocupação economicista da aplicação dos recursos disponíveis, mormente da década de 60.

Desse estudo, podem ser abstraídos dois pontos básicos para uma reflexão sobre a escola. O primeiro refere-se à influência dos fatores intra-escolares sobre o aluno, em países em desenvolvimento. Com isso reforça-se a importância da escola pública no Brasil, estando nela a mola propulsora para a educação e criação de oportunidades às classes menos favorecidas. Constatase, no entanto, que boa parte do pessoal que trabalha com o ensino público não está conscientizado das possibilidades de evolução das classes populares através da escola.

O segundo ponto de reflexão refere-se ao baixo nível sócio-econômico. Os alunos estão abandonando a escola porque precisam trabalhar para o seu sustento ou mesmo ajudar na renda familiar. A pobreza é sempre acompanhada de vários problemas: falta de saúde, desnutrição, indolência etc. Não se pode compreender que uma pessoa sem tais condições, depois de uma jornada de trabalho, possa render bem na escola.

Sugere-se, assim, que as possíveis implicações didático-pedagógicas e sócio-econômicas sejam bem trabalhadas a fim de proporcionarem aos alunos condições para um melhor aproveitamento escolar.

Quatro pontos podem ser destacados, para os quais os indivíduos, em número cada vez maior, podem receber boa formação:

- 1) profissionalização adequada ao ingressarem na força de trabalho desde o nível médio;
- 2) cultura geral própria para se posicionarem convenientemente nas sociedades hodiernas;
- 3) preparo suficiente para continuar sua escolarização no nível seguinte;
- 4) a utilização da Orientação Vocacional como recurso psicológico.

Num comparativo entre os cursos de Arquitetura e Urbanismo, Direito, Psicologia e Pedagogia, observa-se que continua prevalecendo a presença de jovens (17 a 24 anos), mas com uma presença significativa (34%) de alunos mais idosos (25 a 52 anos). Isso mostra que há alunos que retornam à Universidade depois de alguns anos, sendo que uns poucos estão cursando pela primeira vez. Isso pode significar que há hoje uma procura maior de alunos de maior idade para os diversos cursos da UniSantos, mesmo em se tratando de ensino pago. Querem ter formação de nível superior, para melhor colocação no mercado de trabalho, mesmo sabendo das dificuldades que vão enfrentar.

Quanto à escolaridade dos respondentes, dentro da expectativa comum do Ensino superior, a maioria (65%) dos alunos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Direito e Psicologia é proveniente da escala particular, enquanto apenas 26,5% provêm da escala pública. Tomando os três cursos isoladamente, o índice maior está com a Psicologia (80%), vindo depois o Direito com 52,5% e finalmente a Arquitetura e Urbanismo com 62,5%. Dessa forma, a Escola Particular prepara 65% dos alunos desses cursos, enquanto a Escola Pública, contribui apenas com 26,5% de alunos. O curso de Psicologia chama atenção pelo alto índice de 80% de alunos provenientes da Escola Particular, revelando seu caráter mais elitista. O curso de Pedagogia se coloca em situação bem diferenciada, pois todos seus alunos são provenientes da Escola Pública, marcando-se como um curso mais popular, quanto à sua clientela, e mais voltado para uma profissão e atividade com maior demanda para a rede pública. Conforme entrevista pessoal, a maioria dos estudantes de Pedagogia é de média renda. Além disso, quase todos trabalham, mas a renda auferida não dá para pagar totalmente as despesas dos estudos dos cursos mais caros.

Outro aspecto importante a ser considerado é a presença de 37,5% de alunos provenientes do Ensino Profissionalizante. Apenas o curso de Arquitetura e Urbanismo apresenta alunos provenientes de curso profissionalizante (17,5%). Nos demais cursos, não se constatou a presença de nenhum aluno. A relação do curso de Arquitetura e Urbanismo com a formação profissionalizante parece estar mais marcada entre os alunos, talvez pela sua proximidade mais explícita com a atividade de Engenharia nas atividades do porto e das usinas da Região. Além disso, as escolas profissionalizantes, tanto de Ensino Médio quanto de Ensino Superior, estão em expansão na Baixada Santista. Os cursos de Direito, Psicologia e Pedagogia aparecem muito distantes da formação profissional, predominando sua feição humanista.

Quanto à participação na vida econômica, em todos os cursos a maioria (67,5%) é sustentada pela família. Entretanto, mais da metade dos alunos (51,8%) estão trabalhando. Nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Direito e Psicologia, os alunos que trabalham o fazem, em geral (74%), fora da área do curso. Na verdade, o que nos foi dado observar nesses cursos, é que a dificuldade de se trabalhar na área é muito grande. Primeiro porque as empresas dão preferência aos universitários de terceiros ou quartos anos, com um cabedal maior de conhecimento; segundo, hoje, estão exigindo pessoas com mais experiências e mais larga visão. O curso de Pedagogia foge à regra e se destaca por ter a totalidade de seus alunos já inserida no trabalho. Tal situação pode ser explicada pelo fato de 75% trabalhar na área do curso, isto é, no magistério. Os professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental são os candidatos naturais do curso superior de Educação, como forma de progredir na carreira e aumentar o salário.

Ao investigar o aspecto central da pesquisa sobre as aspirações dos alunos do 1º ano do Curso Superior, ficou evidente que o motivo da escolha do curso indica a natureza e as características das suas aspirações. O cuidado para que os alunos respondessem com clareza a essa questão, ajudou a mostrar que, em todos os cursos, o ponto básico foi a escolha pela maior parte dos alunos da opção “preferências pessoais”. A análise dessa opção leva a refletir sobre o seu real significado: é notório que o adolescente reúne muitas dúvidas quanto ao seu futuro e especificamente quanto à sua profissão e ao curso que deve fazer. Sofre muitas influências do meio social e especificamente do mercado de trabalho e da família. Para os alunos mais idosos, em geral, constata-se maior segurança em sua escolha.

A influência da família na escolha do curso tem uma relativa relevância nos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Direito (12,5%), mas está praticamente ausente no Curso de Psicologia e de Pedagogia. A razão dessa diferença de influência precisaria ser analisada com maior cuidado, com a ajuda de entrevistas e outros meios.

Quanto à “Orientação Vocacional”, com exceção do curso de Psicologia, poucos (4,1%) procuraram obter essa orientação. No curso de Psicologia, explica-se a procura ser maior (12,5%) porque a Orientação Vocacional está inserida no próprio curso e está mais próxima das atividades específicas da profissão.

Apesar da quase ausência da Orientação Vocacional na escolha profissional e dos cursos, a decisão de se matricular em um Curso Superior não é aleatória ou desligada do contexto sócio-cultural. Mais especificamente, os valores e aspirações do grupo social a

que pertence o aluno influenciam de maneira inequívoca na escolha do curso. A Orientação Vocacional talvez possa recuperar sua presença e ajuda aos jovens no momento de sua tomada de decisão sobre a escolha da profissão e do curso. O meio social está repleto de atrativos em relação ao trabalho e à formação dos jovens. Estes não se mostram suficientemente preparados para tomar atitudes críticas frente às atrações provocadas pelo enredo de interesses pouco analisados e questionados. Os valores implícitos nas escolhas nem sempre se justificam perante as exigências sociais e os compromissos com a cidadania. A Orientação Vocacional poderia assumir parte dessa tarefa, tanto para a realização do indivíduo como para sua integração positiva no meio social. Nesse sentido, a participação no mercado de trabalho, como preocupação de relevante influência na opção dos alunos (18,75%), poderá ser fortalecida com valores de ampla significação para o desenvolvimento coletivo social e econômico.

Ainda que a influência dos professores na opção pelos cursos seja muito limitada (1,2%), ela adquire, para muitos alunos (55%), um papel especial enquanto criadora e alimentadora de ideais capazes sustentar a opção tomada. Essa atuação dos professores nos cursos analisados apresenta a necessidade de algumas observações: há um bom número de alunos (29,3%) que os considera neutros diante dos ideais; no desenvolvimento do ensino, eles apresentam boa didática (53,1%), apesar de 26,6% dos alunos os considerarem inconstantes em suas atitudes, com altos e baixos.

A atuação dos professores junto aos alunos é de extrema importância para que estes sintam segurança e entusiasmo na busca de sua formação para o trabalho e atuação na sociedade. A qualificação do professor nas salas de aula é hoje uma preocupação tanto das Instituições, com dos próprios professores. O professor, hoje, vem se esmerando cada vez mais, procurando não só desenvolver bem o plano de ensino, mas aproximar-se mais do aluno. Eles têm tido melhor relação com os alunos e se sentem valorizados. No entanto, apesar de todo esse esforço por parte do professor, ele enfrenta inúmeras situações para efetivar as suas atividades de planejamento, desenvolvimento e avaliação de resultados de sua prática educativa.

O educador sofre com a burocracia nas instituições, com a política salarial e plano de carreira injustos, com o despreparo de dirigentes e detentores do poder, com a descontinuidade dos projetos educativos, com a falta de ambiente adequado para as aulas, com o material didático deficiente e desatualizado. Entretanto, qualquer que seja o contexto e a disciplina curricular, o professor deve ser competente. Além disso, o professor

deve privilegiar a aprendizagem que tenha significado para a vida do aluno e que nasça de sua atuação no processo de construção do conhecimento, estando embasada no diálogo como elemento básico de interdisciplinaridade. Como diz o pedagogo Constantino (Gazeta de Cuiabá - MT, 2002, p. 5), professor efetivo do CEFET-MT: as ações didático-pedagógicas devem levar os alunos à participação efetiva, democrática, autônoma e flexível, pois o mundo do trabalho requer atualmente profissionais críticos, cooperativos, solidários, criativos, responsáveis e comprometidos. O educador deve pregar esses valores vivenciando-os, para não frustrar as aspirações dos estudantes.

No mundo contemporâneo, não há mais lugar para a prática educativa que dá ênfase ao conhecimento fragmentado, métodos mecânicos de aprendizagem e apego a verdades plenas. Nos ambientes de estudo, a argumentação, o debate e os pensamentos divergentes precisam e devem ser estimulados. Não há verdade única em qualquer processo de conhecimento. Basta ver alguns princípios da dialética para que se encontrem indicadores de resposta.

Assim, expressões como “transmitir conhecimento”, “treinar o aluno para aprender”, “alunos carentes e sem tradição cultural não aprendem”, “dar nota baixa para quem não aprende”, reforçam a passividade, característica marcante nas escolas brasileiras. Felizmente a maioria dos professores vem abandonando teórica e praticamente essas expressões.

A par disso, é que vemos hoje os professores, em sua maioria, desenvolver um trabalho mais eficaz com os alunos, incentivando-os, fazendo com que tenham mais dedicação, mais participação, envolvendo-os de tal sorte que eles sentam a satisfação de estarem cursando uma Faculdade. Outros professores, quando percebem que certos alunos apresentam desânimo, procuram dar alento, incentivando-os para enfrentar o mundo.

Apesar de todo o esforço dos professores, através de incentivos e alentos, há situações de frustração que redundam em evasão escolar muito grande, conforme dados colhidos através de levantamento realizado na Secretaria da Universidade Católica de Santos. Muitos alunos não concluem o 1º ano. Tal fato resulta da conjunção de vários fenômenos, como a repetência, as transferências, a desistência e o trancamento de matrícula durante o período letivo, com ou sem retorno no período letivo seguinte. Esse fenômeno de aparência simples é, no entanto, responsável, muitas vezes, pela ineficiência das escolas, problemas financeiros e sociais. E ainda, o diagnóstico da educação elaborado em 1987, para o Plano do Governo – 1987-1990 (Caderno nº 4 – Educação), mostra dois

problemas em nosso sistema educacional: a falta de professores especializados e a falta de ambientes escolares. É possível que também esses fatores contribuem para criar frustrações e provocar a evasão escolar.

A vivência no Magistério na Universidade permite observar que boa parcela dos alunos, já no 1º ano do Curso Superior, se sente frustrada em suas aspirações. Isso resulta de pressão familiar, mercado de trabalho, teste vocacional, pois muitos acabam descobrindo que a escolha foi mais determinada por um impulso passageiro.

Mesmo quem fez uma auto-análise e se informou sobre a profissão com diferentes fontes não está livre de desilusões. Isso porque muitos idealizaram a carreira e, ao começar o curso, decepcionaram-se.

Costa (Folha de S. Paulo, 2002, p. 4), diretor geral do MANPOWER DO BRASIL, comenta que um determinado aluno prestou vestibular para Administração, mas durante o curso não ficou satisfeito. Diz o aluno: “não combinava com o meu perfil”. Parou e decidiu fazer o curso de Direito, e hoje trabalha em uma ONG e se sente realizado.

O que é importante é saber o que realmente tem vontade de cursar e confrontar características e aptidões com o que o mercado exige e oferece.

Sentir-se frustrado ou decepcionado com o curso não significa o fim da linha. Em diferentes fases da vida – como vestibulando ou universitário – pode-se optar pela mudança de rumo, ou até mesmo por recomeçar em uma outra profissão. “*É preciso aliar o perfil pessoal, a capacidade e a vontade ao que o mercado oferece e exige*”, diz Costa (2002, p. 4). Nunca é tarde para tentar o redirecionamento. Todos podem receber orientação de carreira em locais como o Serviço de Orientação Profissional (SOP) da Universidade de São Paulo. Leite (Revista Profissões, 2004, p. 16), psicóloga e orientadora vocacional da COLMEIA – ONG, diz que é normal que o jovem não saiba o que escolher porque ele ainda não se conhece direito nem sabe muito sobre as carreiras. Daí, as frustrações, daí, as evasões.

Nesse estudo não serão tratadas as variáveis políticas que interferem tanto na escolha profissional e dos cursos, quanto no resultado exitoso ou na frustração do aluno do Ensino Superior. Entretanto se faz necessária uma rápida abordagem do tema. Alguns autores que oferecem subsídios para a política educacional, mostram-se céticos a respeito da validade de uma atuação política no interior da escola: “*Não se deve deixar fugir a discussão da validade da atuação política sobre os fatores endógenos no sistema educacional no*

*sentido de melhorar sua efetividade.*” (SIMMONS, 1975, p. 65). Sugerem que, uma melhoria nos resultados dos estudantes requer mudanças profundas e radicais no sistema educacional. A educação deverá ser efetiva e eminentemente democrática, tratada globalmente pela sociedade, num processo aberto com revisões permanentes. As experiências passadas devem ser repensadas para não se repetirem os erros do passado. Deve-se saber qual o tipo de sociedade que se quer formar, repensando-a a serviço do povo, ou a serviço do sistema.

A relevância do tema selecionado e definido nessa Dissertação fundamenta-se no estudo dos dados da realidade dos alunos, no sentido de buscar uma contribuição para o conhecimento das suas aspirações ao optar por determinado curso universitário e para abrir caminhos para a prática universitária se tornar instrumento de formação desses alunos ingressantes e de sua introdução no conjunto social pela busca um novo modo de ser e de participar na construção da sociedade humana.

## **BIBLIOGRAFIA**

ACKOFF, Russel L. *Planejamento de Pesquisa Social*. São Paulo: Herber, 1967.

ALMEIDA, Maria Lúcia Ferreira dos Santos – Dirigente Regional do Ensino de Santos – Entrevista publicada em A Tribuna. p. A3, Santos:19/01/2004.

ANDRÉ, et al. *Pesquisa em Educação. Abordagem Qualitativa*. EPUSP, 1986.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. *Etnografia da Prática Escolar*. Série Prática Pedagógica. Campinas: Papirus, 1995.

ARANHA, M. L. de A. *História da Educação*. Moderna, 1989

BOCH, Silvio - Diretor da NACE Orientação Vocacional – (O Estado de S. Paulo – 9/3) 2002

BRASIL. *Lei nº 5692 de 11 de agosto de 1971*. Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. Brasília: 1971.

\_\_\_\_ MEC. Departamento de Ensino Médio – *Habilitação no Ensino de 2º grau*. Brasília – Expressão e Cultura. 1972.

\_\_\_\_ *Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília: 20/12/1996.

BOHOSLAVSKI, Rodolfo. *Orientação Vocacional: a estratégia clínica*. Tradução: José Maria Bojart. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

CALAZANS, M. J. C. *A iniciação científica: um aprendizado do trabalho científico da realidade social*. In: MOREIRA, A. F. B. (org). *Conhecimento educacional e formação do professor*. Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico. Campinas: Papirus, 1994.

CALAZANS, Regina. *Comunicação e Educação. Questões Delicadas na Interface*. São Paulo: Hacker, 2001.

COLL, C., MARTIN, E. *A avaliação da aprendizagem no currículo escolar: uma perspectiva construtiva*. In: COLL, C. et al. *O construtivismo na sala de aula*. Tradução: Cláudia Schilling. Série: Fundamentos. São Paulo: Ática, 1996.

COLL, C, SOLÉ, I. *A interação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem*. In: COLL, C; C, Palácios. Tradução. Angélica Mello Alves. Porto Alegre. Volume 2. Artes Médicas.

CONSTANTINO, Noel Alves – Pedagogo e professor efetivo do CEFET – MT., 2002.

COSTA, Augusto – Diretor Geral do MANPOWER DO BRASIL. – Publicação Folha de São Paulo. São Paulo: 2002.

CUNHA, Claudia Duarte – Diretora de Projetos Especiais (ONGs) – 2003

CUNHA, Luiz A. *O Mercado de Trabalho. Profissionalização no Ensino de 2º grau*. In: NAGLE, Jorge. *Educação Brasileira. Questões da Atualidade*. São Paulo: EDART, 1975.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Educação e Conjuntura Atual*. In. Educação em Revista. UFMG, 1985.

DELORS, Jacques. *Educação – Um Tesouro a Descobrir*. Relatório para a UNESCO. 2000.

EDUCAÇÃO PARA TODOS. INEP. Brasília. 2000.

FAVERO, M. L. A. *A Universidade em Questão. Como resgatar suas relações fundamentais*. São Paulo: Cortez, 1989.

FERREIRA, et al. *Estatística Instrução Programada*. V2. Rio de Janeiro: 1975.

FONTOURA, Jossélia – Secretária Municipal de Educação – Entrevista Publicada em A Tribuna, Santos, p. A3, 05/2004.

FRANCO. M. L. P. B. *Ensino Médio: desafios e reflexões*. Papirus, 1994.

FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e Sociedade*. São Paulo: Edar, 1977.

GADDOTTI, Moacir. *Educação e Compromisso*. Campinas: Papirus, 1981.

GIBSON, Robert L. *Orientação para a Escolha Profissional*. São Paulo: EPU, 1975.

GLASSER, W. *Escolas sem Fracasso*. São Paulo: Cultrix, 1972.

GRIGOLI, J. A. G. *A sala de aula na Universidade na visão de seus alunos*. São Paulo: 1999.

GUIMARÃES, Valter Soares. *Formação de Professores: Saberes, Identidade e Profissão*. São Paulo: Papirus, 2002.

KELBER, Dieter. Diretor da RADEP – Relatório de Acompanhamento do Desenvolvimento Escolar e Pessoal. *Publicação Folha de São Paulo*, 02/09/2002.

KFOURI, Rosa Maria. Comentários publicados na revista *Profissões*, 06/2004.

KLING, Daniel. *SQL in a nutshell: a desktop quick reference*. Internet. 1977.

LEITE, Maria Stella Sampaio – Psicóloga e Orientadora Vocacional da Colméia .  
Instituição a serviço da juventude. ONG. Comentários publicados na revista *Profissões*,  
06/2004.

LEVIN, Henry M. COSTA, Messias Velusso, JACQUES, R. *Educação e desigualdades no  
Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984.

LIMA, Lauro Oliveira. *O impasse na educação*. São Paulo: Vozes, 1969.

LIPMAN, M. *O pensar na Educação*. Tradução: Ann Mary Fighiera Perpétuo. Petrópolis:  
Vozes, 1995.

LUZURIAGA, L. *História da educação e da pedagogia*. Editora Nacional. 1976.

MANACORDA, M. A. *História da educação da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo:  
Cortez.

MELLO, Guiomar Namó de. *Educação Escolar e Classes Populares. Uma reflexão sobre  
o atual momento político no Brasil*. In – Revista Ande, Ano 3, 6-1983.

OLIVEIRA, Therezinha de F. R. *Estatística Aplicada à Educação*. Rio de Janeiro: LTC,  
1974.

PENTEADO, Wilma Millan Alves. *Psicologia e Ensino*. São Paulo: Papervivros, 1980.

PIMENTEL, Maria da Glória. *O Professor em Construção*. Coleção Magistério: Formação  
e Trabalho Pedagógico. Papirus, 1996.

PIMENTEL FILHO, Alberto. *Lições de Pedagogia Geral e de História da Educação*.  
Lisboa: Guimarães, 1972.

POPPOVIC, Ana Maria. *Populações Marginais*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

\_\_\_\_\_. *Ensino Público e Constituinte*. In – Educação em Revista. UFMG. Julho, 1985.

SEVERINO, A. Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVEIRA, Maria Lúcia Dondon . *Orientação Vocacional* . 2003

SPEGEL, Murray R. *Estatística*. Rio de Janeiro: McGraw, 1971.

TEICHLER, V. *Higher education and new socio-economic challenges in Europe*. Tradutor Juramentado. Trechos. London: 1996.

VAZQUEZ, A. S. *Filosofia da Praxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1947.

## ANEXO 1

### QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ anos  
Curso: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

#### Ensino Fundamental

- Escola particular
- Escola pública
- Iniciou na particular e transferiu-se para outra

#### Ensino Médio

- Escola particular
- Escola pública
- Iniciou na particular e transferiu-se para outra

#### Realizou Curso Profissionalizante?

Qual? \_\_\_\_\_  
Ano \_\_\_\_\_  
Escola \_\_\_\_\_

#### Como você participa da vida econômica da família?

- É sustentado pela família ou por outras pessoas
- Recebe ajuda financeira da família ou de outras pessoas
- É o único responsável pelo sustento
- É o responsável pelo sustento e contribui para o sustento da família
- Sustenta a família

#### Você trabalha?

- Sim
- Não

#### Na área do curso?

- Sim
- Não

Em qual área trabalha? \_\_\_\_\_

Há quanto tempo? \_\_\_\_\_

**Enumere prioritariamente as horas de lazer:**

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Convívio familiar     | <input type="checkbox"/> Prática de esporte |
| <input type="checkbox"/> Cinema                | <input type="checkbox"/> Música             |
| <input type="checkbox"/> Jogos eletrônicos     | <input type="checkbox"/> Leitura            |
| <input type="checkbox"/> Caminhadas ecológicas | <input type="checkbox"/> Internet           |
| <input type="checkbox"/> TV                    | <input type="checkbox"/> Outros             |
| <input type="checkbox"/> Praia                 |   |

**Enumere o principal motivo para a escolha do curso:**

- Orientação a partir de testes vocacionais
- Preferências pessoais
- Influência da família
- Influência do professor
- Mídia
- Falta de outras opções
- Mercado de trabalho
- Colegas de classe

**Você possui na família algum profissional na mesma área do curso?**

- Sim
- Não

**Quais suas expectativas do curso que escolheu?**


---



---



---



---

**Você sabe qual o investimento financeiro necessário para você começar o exercício profissional imediatamente após a conclusão do curso?**

- Sim
- Não

**Se sim, comente:**


---



---



---



---

**Como você percebe o seu futuro no contexto da sociedade?**

- Ainda não avaliei
- Terei ajuda da família
- Acredito em muitas dificuldades

**Explique por que?** \_\_\_\_\_

Futuro promissor  
**Explique por que?** \_\_\_\_\_

**Você conhece o mercado de trabalho no qual você vai se inserir?**

---

---

---

**Aponte no máximo 4 opções oferecidas pelo mercado de trabalho**

---

---

---

---

**O que você espera das disciplinas do curso?**

---

---

---

---

**O curso o(a) está satisfazendo?**

---

---

---

---

**Como você classificaria, por ordem numérica, as atitudes dos professores, de modo geral, perante a classe:**

- \_\_\_ Tem boa didática
- \_\_\_ Tem altos e baixos
- \_\_\_ Explica exaustivamente a matéria
- \_\_\_ Mantém disciplina na classe
- \_\_\_ Não mantém disciplina na classe
- \_\_\_ Mantém diálogo com a classe
- \_\_\_ Não mantém diálogo com a classe
- \_\_\_ É afável
- \_\_\_ É mau humorado

**Comentário:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**O professor transmite ideais:**

- Alentadores
- Incentivadores
- Pessimistas
- É neutro

**Comentário:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## ANEXO 2

### QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

**Prezado(a) Colega:**

**A fim de concluir minha dissertação de Mestrado, solicitaria que o(a) Colega respondesse este questionário.**

- 1) Através de quais características da conduta do aluno você percebe diferenciações no seu aproveitamento escolar?
  
- 2) Você conduz, durante a aula as diferenças de ritmo de aprendizagem entre os alunos?
  
- 3) No contexto da sala de aula, como você percebe influência das relações interpessoais no aprendizado dos alunos?
  
- 4) Qual(is) o(s) recurso(s) que você utiliza para incentivar no aluno o desenvolvimento do senso crítico, direcionado aos conteúdos tratados em aula?
  
- 5) Você orienta o aluno no sentido de que o conhecimento do senso comum pode constituir fonte de pesquisa? De que maneira?
  
- 6) Durante a evolução do curso, como você desperta novos interesses nos alunos?
  
- 7) Como você analisa a sua participação na formação do aluno como cidadão e profissional consciente?

Professor(a): \_\_\_\_\_

Curso: \_\_\_\_\_